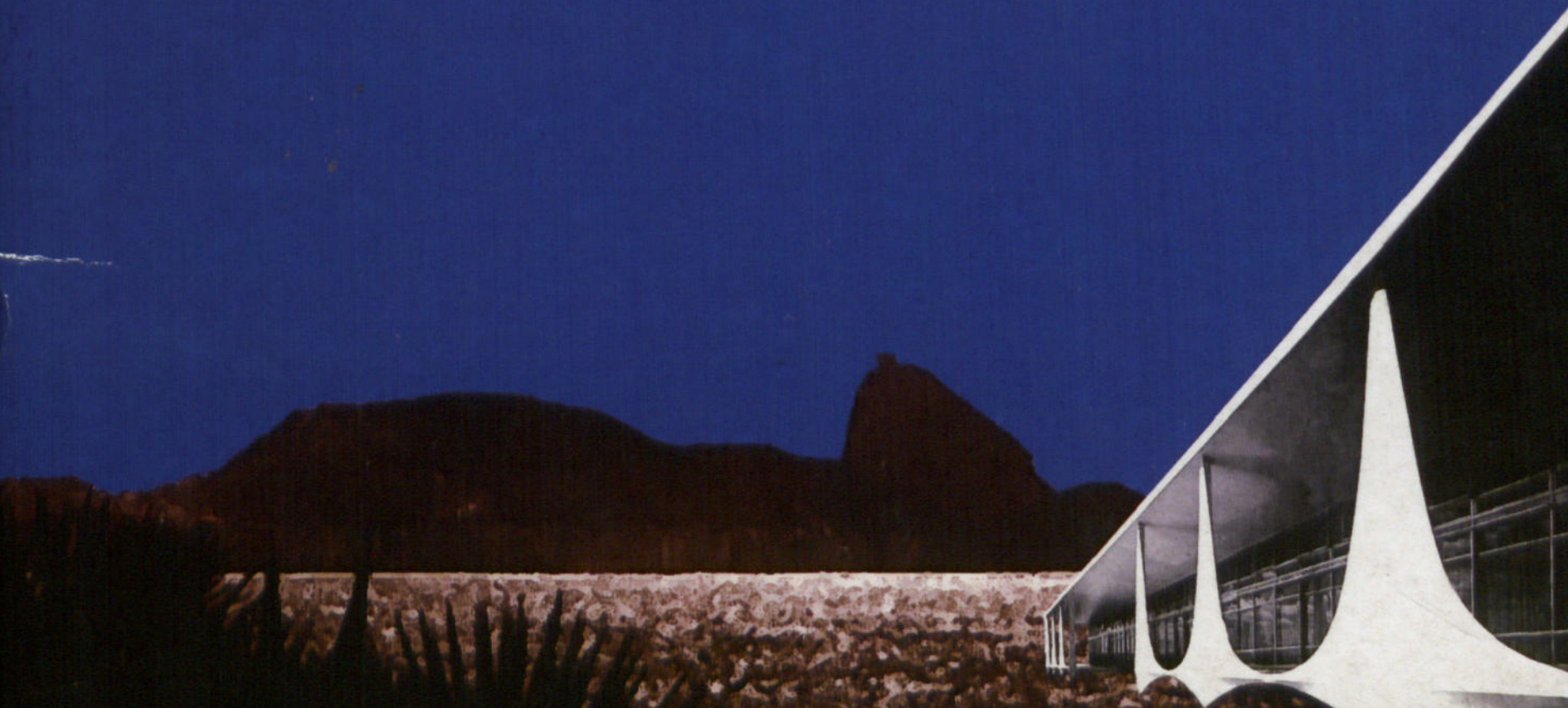
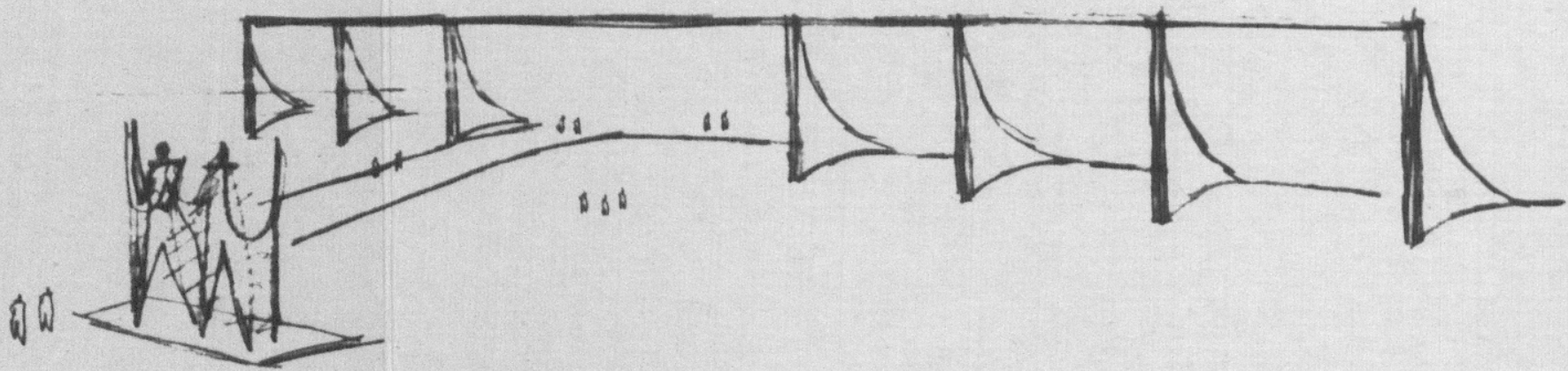


Capitais da Bossa Nova

Rio e Brasília nos anos de JK





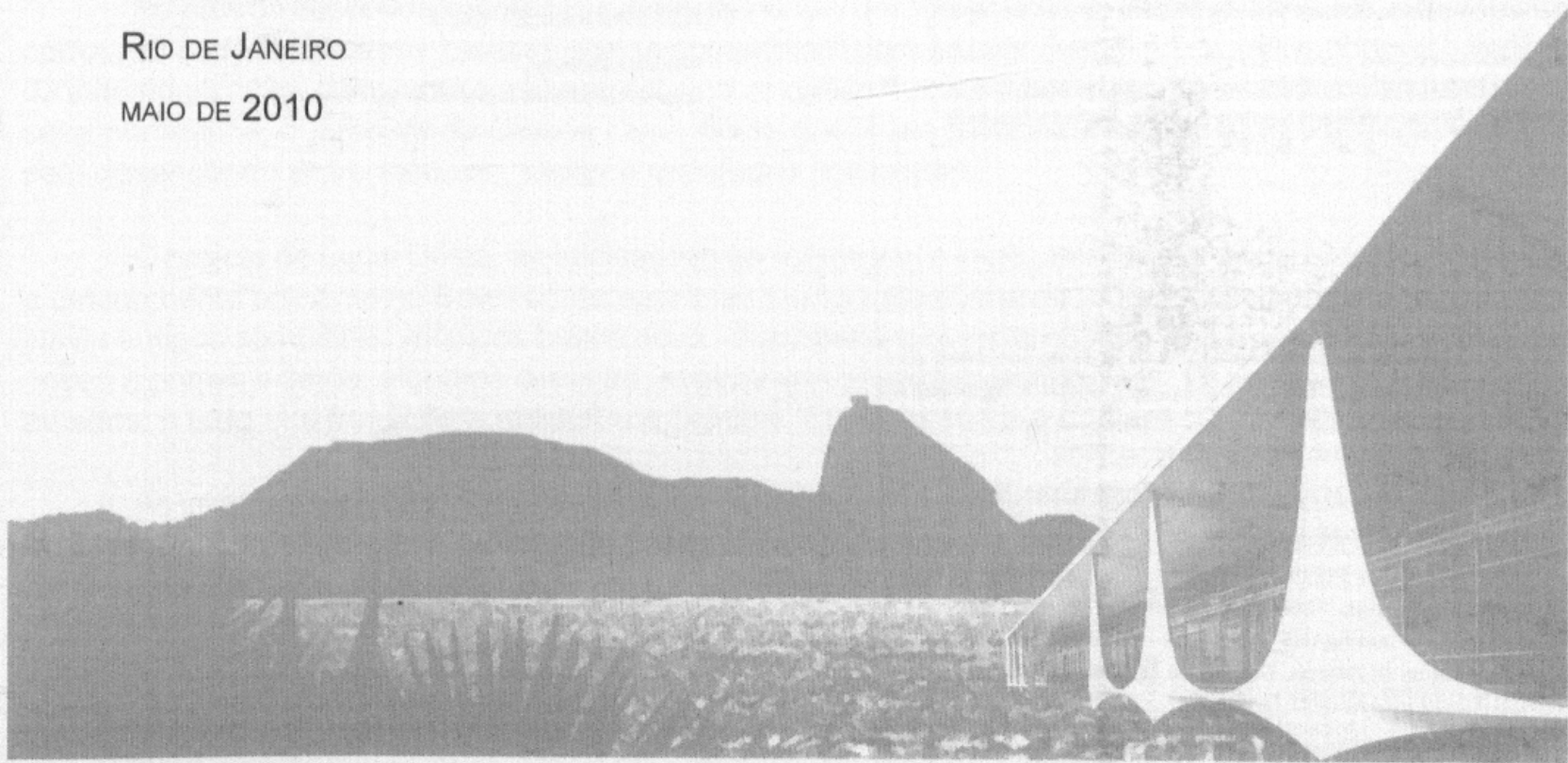
Capitais da Bossa Nova

Rio e Brasília nos anos JK

ARQUIVO NACIONAL

RIO DE JANEIRO

MAIO DE 2010



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República

Erenice Guerra

Secretário-Executivo da Casa Civil da Presidência da República

Carlos Eduardo Esteves Lima

Diretor-Geral do Arquivo Nacional

Jaime Antunes da Silva

Coordenadora-Geral de Acesso e Difusão Documental

Maria Aparecida Silveira Torres

Coordenadora de Pesquisa e Difusão do Acervo

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Coordenação Geral de Processamento e Preservação do Acervo

Carmen Tereza Coelho Moreno

Coordenador de Preservação do Acervo

Mauro Domingues

Coordenadora de Documentos Audiovisuais e Cartográficos

Wanda Ribeiro

EQUIPE TÉCNICA**Coordenação de Pesquisa e Difusão do Acervo****CURADORIA**

Cláudia Beatriz Heynemann

ASSISTENTES DE CURADORIA

Denise de Moraes Bastos, Renata William Santos do Vale

PESQUISA DE IMAGENS

Beatriz Helena Biancardini Scvirer, Denise de Moraes Bastos, Mariana Lambert, Renata William Santos do Vale, Viviane Gouvêa

TEXTOS E LEGENDAS

Denise de Moraes Bastos, Mariana Lambert, Maria do Carmo Teixeira Rainho, Renata William Santos do Vale, Viviane Gouvêa

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DESIGN GRÁFICO

Sueli Fátima Araújo Viana

REVISÃO DE TEXTO

Alba Gisele Gouget

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DO CATÁLOGO

Tânia Bittencourt

TRATAMENTO DAS IMAGENS PARA O CATÁLOGO

Marcello Camargo, Maria Judith Azevedo Vieira, Tânia Bittencourt

ILUMINAÇÃO

Marcello Camargo

Coordenação de Preservação do Acervo**LABORATÓRIO DE DIGITALIZAÇÃO**

Flávio Lopes (supervisão), Adolfo Galdino, Cícero Bispo, Fábio Martins, Janair Magalhães, José Humberto

LABORATÓRIO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

Lúcia Peralta (supervisão), Alda Arcoverde de Freitas, Alice de Jesus Nunes, Álvaro Cesar Moura Carvalho, Francisco Gomes da Costa, Graziella Marraschi, Leila Ianne Pires, Nelson Antonio, Paulo Cesar Gouvêa, Paulo Fernando Alves Vieira, Tiago Cesar da Silva, Walter da Silva Júnior

MANIPULAÇÃO DE IMAGENS E REPRODUÇÃO

AJB Comunicação Visual

AGRADECIMENTOS

Coordenação de Consultas ao Acervo

Capitais da Bossa Nova: Rio e Brasília nos anos JK /
Curadoria de Cláudia Beatriz Heynemann; textos e legendas de
Denise de Moraes Bastos

[et al.]. - Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2010.

66 p. : il. ; 21 cm. - (Publicações Avulsas; 90)

ISBN: 978-85-60207-24-4

1. Música Popular Brasileira. 2. Bossa Nova. 3. Governo Juscelino Kubitschek, 1956-1961. 4. Rio de Janeiro (RJ) - História - Exposições. 5. Brasília (DF) - História - Exposições. I. Heynemann, Cláudia Beatriz. II. Bastos, Denise de Moraes. III. Título. IV. Série.

Capitais da Bossa Nova

“A cidade é cesura, ruptura, destino do mundo”. Assim Fernand Braudel definiu a experiência urbana como um dos mais revolucionários fenômenos que conhecemos. O significado desse gesto, a afirmação da vontade, a intervenção radical no espaço contínuo da natureza encontra um sentido próprio quando se trata dos núcleos formados na América hispânica e portuguesa. À primeira seria atribuída a preexistência de vilas e povoados, o formato retangular, o risco, a abstração, enquanto aos portugueses caberia a rotina, o acaso; a experiência em lugar do planejamento, o entrelaçamento entre ruas, casas e a paisagem. Essa avaliação, que em Sérgio Buarque de Holanda se definiu nas figuras do ladrilhador e do semeador, parece se atualizar quando olhamos para as duas capitais.

Desde a mudança da sede de Salvador para a urbe carioca, em 1763, passando pela presença da corte joanina, por alguns projetos imperiais, a reforma Pereira Passos e tantas intervenções, a estrutura do Rio de Janeiro e a tradição litorânea foram confrontadas. Sabe-se que por longo tempo se ambicionou uma capital no interior, até que o governo Kubitschek levasse adiante a obra e o sonho que representou Brasília. Quaisquer que fossem os motivos ou as alternativas possíveis, as discutidas filiações ao Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, afinal se chegou àquele imenso vazio, ao desértico espaço no qual a arquitetura racionalista impôs sua marca.

No país do desenvolvimentismo saltam das lentes dos fotógrafos um interior de pequenos municípios, carros em estradas de terra, massas que se comprimem para saudar Juscelino, grandes obras e o impulso da industrialização. Convivem com esse esforço as cenas das favelas e subúrbios cariocas, as famílias na seca nordestina, o *faroste* da Cidade Livre. Nada que fosse paradoxal na trajetória brasileira, marcada pelo desencontro entre modelos, ideias e realidades percebidas.

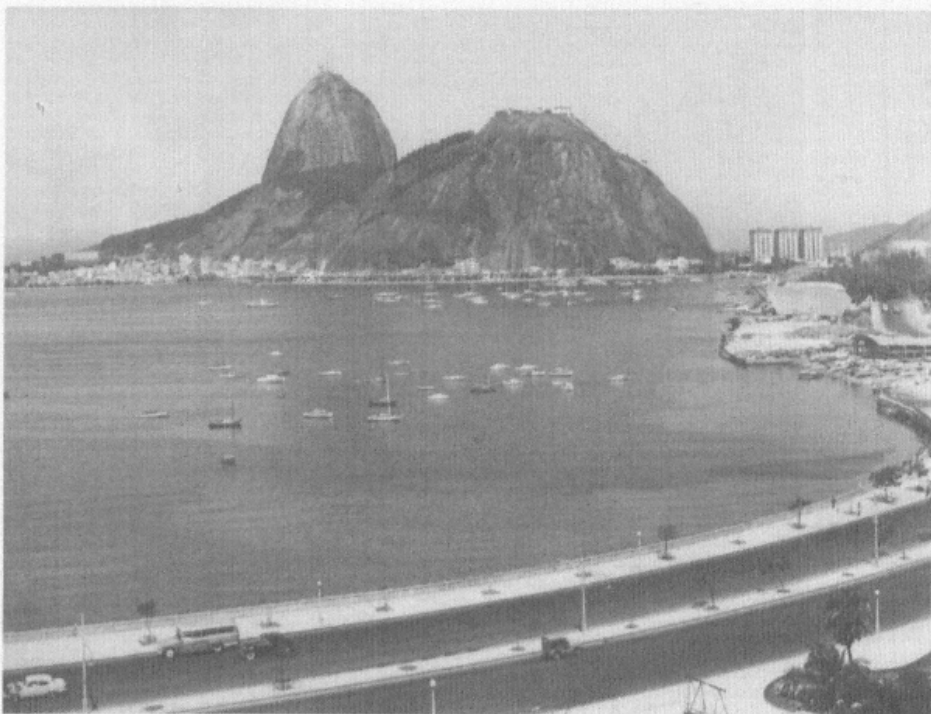
O projeto de Lucio Costa, as edificações de Niemeyer, o efeito catalisador da construção pertencem a um momento brilhante no Brasil contemporâneo porque era acima de tudo cadenciado pela democracia. Havia antigos sambistas, músicos bossa nova, chanchada e cinema novo, o rádio, a televisão com a qual posou a primeira dama, algumas certezas, esperanças precárias, edificações por terminar, crises políticas adiadas, e tudo que transcorria entre Rio e Brasília, Copacabana e a Esplanada.

As imagens exibidas foram geradas, em sua maioria, pelas lentes da *Agência Nacional* e do *Correio da Manhã*, alternando-se os olhares do órgão oficial e da grande imprensa, encontrando-se em todas o resultado à altura de um tempo que a lógica espacial organizou.

Rio de Janeiro



Copacabana é, ainda hoje, uma síntese da beleza natural da orla com a vida boêmia e agitada do carioca. Ícone da cidade nos anos 1950, por seus palcos passaram alguns dos mais conhecidos cantores e cantoras do país, como Maysa, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto, Elizeth Cardoso, e o charmoso bairro ainda viu nascer uma outra bossa, nova, que unia jovens talentos com os já consagrados, representada na célebre parceria entre o maestro Antônio Carlos Jobim e o poeta Vinícius de Moraes. Praia de Copacabana, uma das vistas mais famosas do Rio de Janeiro, para o mundo e para os brasileiros. Rio de Janeiro, s.d. Foto George Gafner. Correio da Manhã



"Guarda da Guanabara". O Pão de Açúcar, uma das principais atrações turísticas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1959. Correio da Manhã

A imagem da enseada de Botafogo é bastante recorrente na literatura sobre o Brasil. Frequentemente retratada por artistas e viajantes estrangeiros desde o século XIX, e pelos fotógrafos do século XX, a praia de Botafogo foi imortalizada como um símbolo da cidade, tendo ao fundo o Pão de Açúcar e seu bondinho, cartão-postal do Rio de Janeiro. Praia de Botafogo. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1958. Correio da Manhã





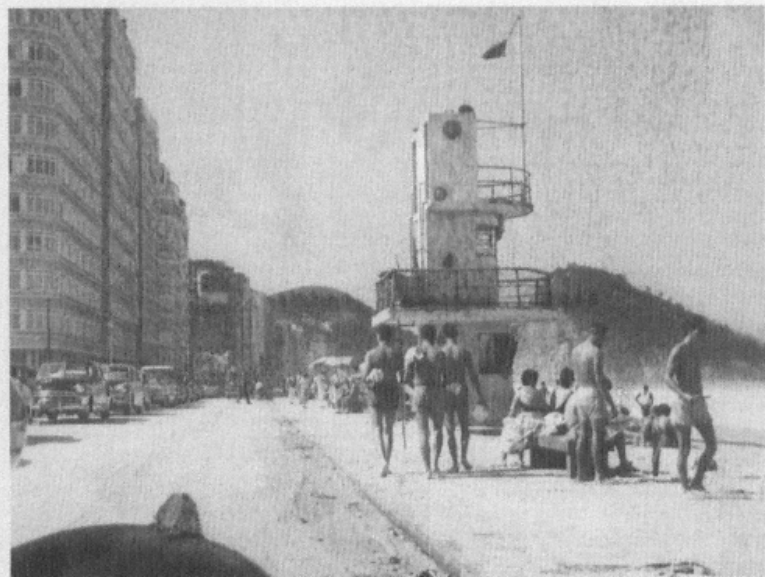
Cacilda Becker. Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1956. Correio da Manhã



Um dos maiores símbolos do bairro, o calçadão de Copacabana, em pedras portuguesas brancas e negras que formam uma onda, foi uma realização da prefeitura Pereira Passos, em 1906. Para calçar a nova avenida Central e outras vias, como a Atlântica, o prefeito importou as pedras e trouxe calceteiros de Portugal para realizar o trabalho. Passeio no calçadão de Copacabana. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1959. Correio da Manhã



Vista da praia do Leme. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1960. Correio da Manhã



Copacabana. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1960. Correio da Manhã



A atriz Norma Benguell recolhe água da praia de Copacabana para batizar o primeiro jato americano a ser utilizado para serviço de passageiros. À aeromoça Otilia Navarro da Pan-American coube levar a água para Washington. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1958. Correio da Manhã



Avenida Atlântica, em Copacabana. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Baile de gala no Palácio do Itamaraty, por ocasião da posse do presidente Juscelino Kubitschek. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1956. Correio da Manhã

Os três maiores partidos a concorrer às eleições de 1955 nasceram nos estertores do Estado Novo: o Partido Social Democrático (PSD), situado ao centro e que reunia membros da administração pública e forças econômicas afinadas com o varguismo; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), formado por operários e facções ligadas aos sindicatos; e a União Democrática Nacional (UDN), à direita, atraindo liberais e grupos ligados ao grande capital.

As eleições de 1955 impuseram nova derrota à UDN, cada vez mais articulada a setores civis e militares que pretendiam “varrer” os resquícios do populismo e impedir a penetração de ideias comunistas no Brasil. Para garantir sua posse, JK e Jango contaram com um “golpe preventivo” do general legalista e ministro da Guerra Henrique Lott para deter as manobras de udenistas inconformados com uma vitória que consideravam duvidosa. A conspiração era urdida no interior do próprio governo Café Filho/Carlos Luz, próximo a alguns setores militares como o liderado pelo coronel Jurandir Mamede, que abertamente convocara as forças armadas a impedir a posse dos eleitos.

Juscelino Kubitschek, eleito com o menor percentual de votos da história da República até então, venceu com a ajuda decisiva do interior: paradoxal que pareça, o candidato que pela primeira vez apresentava em campanha um projeto coerente para o desenvolvimento e modernização do país – o Plano de Metas – perdeu as eleições na capital e no centro econômico do Brasil.

Apesar da sua inegável capacidade de conciliação (chegou a anistiar os envolvidos na rebelião militar ocorrida no primeiro mês do seu governo, em Jacareacanga), JK enfrentou a implacável oposição da UDN e da “banda de música” de Carlos Lacerda, tanto na imprensa quanto no Congresso, onde, por não contar com a maioria partidária, teve que constantemente negociar com setores não-lacerdistas da UDN e, sobretudo, contar com o esteio do seu principal aliado, o PTB.



“À chegada do carro que conduzia o presidente da República à Câmara o povo rompeu os cordões de isolamento para apertar a mão do sr. Juscelino Kubitschek. Ao seu lado, o vice-presidente João Goulart acena para a enorme multidão que se comprimia em frente ao Palácio Tiradentes”. Rio de Janeiro, [1956]. Correio da Manhã



Os concursos de *miss* começaram a ser realizados no Brasil em 1954, promovidos, a partir do ano seguinte, pelos Diários Associados. Em 1958 passaram a ser transmitidos pela TV Tupi e alcançaram grande sucesso, perdendo em público somente para as Copas do Mundo de futebol. As candidatas e eleitas misses eram frequentemente recebidas pelo presidente da República e tornavam-se um símbolo de beleza, elegância e comportamento feminino. “As mais belas jovens brasileiras visitam o presidente.” Vinte e duas representantes dos estados da federação visitaram o presidente Juscelino Kubitschek no Palácio do Catete e o convidaram para a cerimônia de escolha da Miss Brasil daquele ano, que seria realizada no Hotel Quitandinha, em Petrópolis. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1956. Correio da Manhã



A carioca Adalgisa Colombo, Miss Brasil 1958, ganhou, no mesmo ano, o segundo lugar no concurso de Miss Universo. Adalgisa Colombo no Palácio do Catete com Sara Kubitschek. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1958. Agência Nacional



A seleção campeã do mundo de 1958 é recebida no Palácio do Catete. Com a taça Jules Rimet finalmente no Brasil e tendo à frente o presidente da CBD João Havelange, o time de Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Nilton Santos, Djalma Santos e outros parecia confirmar que tudo daria certo nos anos JK. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1958. Agência Nacional



A cantora Ângela Maria e outros premiados como "Os melhores do rádio de 1955" são recebidos pelo presidente JK. Rio de Janeiro, 5 de julho de 1956. Agência Nacional



A "Eterna Rainha do Rádio" Emilinha Borba. Nascida na Mangueira, Emilia Savana da Silva Borba foi cantora, atriz e apresentadora de programas na televisão. Intérprete de sambas, choros e marchas de grandes compositores como Ary Barroso e Noel Rosa, foi uma das artistas mais populares e queridas da Rádio Nacional. Protagonizou com sua amiga Marlene uma das mais famosas "rivalidades" da era de ouro do rádio: a disputa pelo título de rainha, vencida por Marlene em 1949 e por Emilinha em 1953. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1957. Correio da Manhã

Os anos JK foram de intensa efervescência na cidade do Rio de Janeiro, em parte motivada pela transferência da capital para Brasília, que dividiu opiniões e provocou intensos debates nos meios políticos e culturais. O momento era de otimismo econômico e de esperança em um prometido progresso trazido pela modernização tecnológica que contaminou todo o país, especialmente a (ainda) capital federal.

Consta nas pesquisas da época que boa parte da população do Rio apoiou a decisão do presidente de transferir a capital para o interior, embora muitos ainda vissem o empreendimento com descrédito e apontassem o crescente endividamento do país com pessimismo. Não foi diferente nos meios culturais. Ficou conhecida a rixa entre o dramaturgo Nelson Rodrigues e o poeta Carlos Drummond de Andrade, que em crônicas jornalísticas expressaram, respectivamente, seu fervor e desagrado em relação à ideia da mudança. Na música, os debates ficaram celebrizados nos sambas de Billy Blanco, *Não vou para Brasília*, e de Aaulfo Alves, *Samba em Brasília*, contra e a favor da transferência para a novacap.

Mas nem tudo girava em torno da grandiosa e polêmica obra no planalto central; os anos 1950 foram fecundos entre a intelectualidade brasileira. Enquanto os intelectuais do Instituto Brasileiro de Estudos Superiores (ISEB) se ocupavam de formular teorias para o desenvolvimento e a modernização do país, os poetas e cronistas que "cantavam" o Rio em verso e prosa assistiam a uma geração de jovens artistas, que propunha uma visão original da música brasileira, até então representada pelos grandes cantores e cantoras que se sagraram no rádio, entre sambas-canção e marchinhas de carnaval. A bossa nova, em sintonia com a crescente penetração da cultura americana no Brasil, trazia elementos do *jazz* e criava um modo até então inédito de se apresentar, com o banquinho e o violão, e contribuía decisivamente para o deslocamento da boemia carioca da tradicional Lapa para a bela Copacabana, que simboliza até hoje aqueles saudosos anos no imaginário carioca e do Brasil.



A cantora Marlene divulgando a música para o carnaval de 1959, "Olá-lá, bambolê", de Luís Bittencourt e Merival, gravada por ela e George Green. Nascida em São Paulo como Vitória Bonaiutti, Marlene estreou profissionalmente na rádio Tupi e deve seu nome artístico a uma homenagem à atriz Marlene Dietrich. Atuou no cinema e no teatro de revista e integrou o elenco da Rádio Nacional e do Cassino da Urca. Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1959. Correio da Manhã



A estrela do rádio Linda Batista se apresenta para grande público. Grande intérprete da música brasileira entre as décadas de 1930 e 50, amiga dos presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, Linda iniciou cedo sua vida artística com a irmã Dircinha Batista e teve uma longa carreira de sucesso, inclusive internacional. Atuou em produções nacionais ao lado de Carmen Miranda e foi uma das cantoras mais bem pagas do país, o que se revelava no luxo e *glamour* em que vivia. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1956. Correio da Manhã



No painel de fundo, uma das caricaturas que Lamartine Babo colecionava, com bom humor. Compositor, radialista, produtor, humorista, Lalá, como era conhecido, fez diversas marchas, sempre populares e marcadas por um tom satírico, entre elas "O teu cabelo não nega", com os irmãos Valença. Lamartine Babo. Rio de Janeiro, 31 de março de 1957. Correio da Manhã

Cena do espetáculo "Mister Samba", produzido e dirigido por Carlos Machado, sobre a vida e a obra de Ary Barroso, na qual vemos Grande Otelo e Aurora Miranda. Estrelado na boate *Night and Day*, anexa ao Hotel Serrador, próximo à Cinelândia, o musical foi indicado ao prêmio de melhor produção nacional do ano. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1957. Correio da Manhã

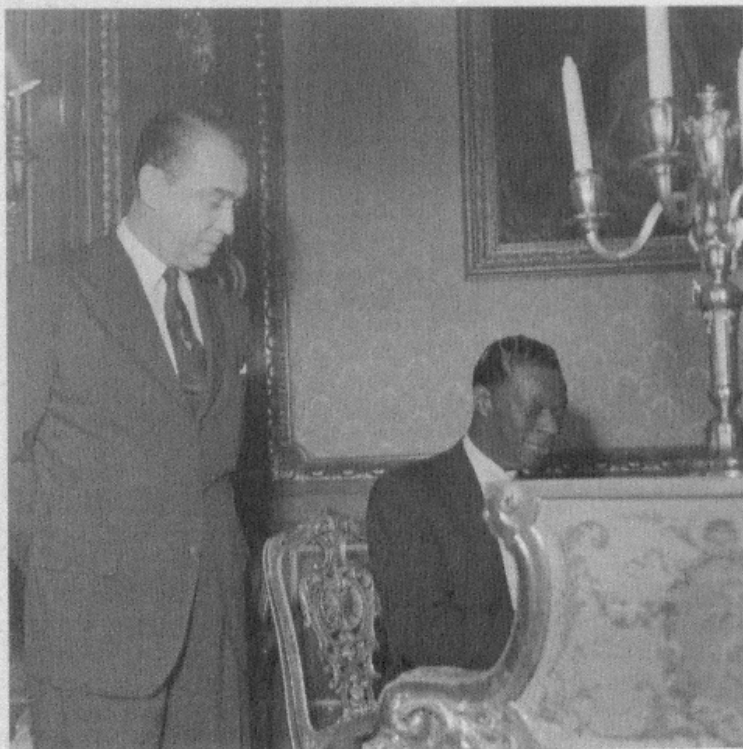




Louis Armstrong e o cantor Ataulfo Alves no almoço oferecido pelo presidente Juscelino no Catete. Nascido em Nova Orleans, Estados Unidos, em 1901, o cantor e trompetista de *jazz*, parceiro de Ella Fitzgerald, faleceu em 1971. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1957. Agência Nacional



A atriz Marlene Dietrich com o presidente Juscelino nas Laranjeiras. A mitológica protagonista de *O anjo azul* também se destacou na luta antinazista, recusando-se a filmar na Alemanha, seu país de origem, e escolhendo permanecer em Hollywood, onde trabalhou com diretores como Ernst Lubitsch, Billy Wilder, Alfred Hitchcock, Orson Welles e Fritz Lang. No Rio, a intérprete de *Lili Marleen*, que animou as tropas norte-americanas no *front* da Segunda Guerra Mundial, apresentou-se no Copacabana Palace com grande sucesso. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1959. Agência Nacional



O cantor americano Nat King Cole toca para Juscelino em sua visita à cidade, quando se apresentou em algumas *boîtes* de Copacabana e diante de um Maracanãzinho lotado. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1959. Agência Nacional



A atriz americana Susan Hayward é recebida por JK. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1959. Agência Nacional



Na década em que se travou a batalha entre os estúdios Vera Cruz e Atlântida, assiste-se ao auge do gênero da chanchada no cinema nacional, imortalizado pela dupla Otelo e Oscarito. A partir de meados dos anos 1950, a estética do neorealismo, o cinema novo, a televisão e a crescente industrialização do país deixaram pouco espaço para a fórmula das comédias musicais leves que então se sucediam com suas estrelas nas telas. São exemplos *Colégio de brotos*, com Oscarito e Cyll Farney, de 1956; *De vento em popa*, com Oscarito, Doris Monteiro e Cyll Farney, de 1957 ou *O homem do Sputnik*, com Oscarito, Cyll Farney, Norma Benguel e Neide Aparecida, de 1958. Presidente Juscelino recebe representantes do cinema nacional. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1957. Agência Nacional



Marpessa Dawn e Breno Mello, atores do filme *Orfeu do Carnaval* com o presidente Juscelino. O filme é uma adaptação da peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes. Com atores negros no elenco, traz música de Tom Jobim e tem como cenário os morros cariocas. A direção de Marcel Camus recebeu a Palma de Ouro no festival de Cannes. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1959. Agência Nacional



O secretário de Estado norte-americano Foster Dulles é recebido no Palácio do Catete. A visita tinha como principais objetivos o engajamento do governo na repressão ao comunismo e formalizar a atuação da Agência Central de Inteligência (CIA) no Brasil. As conversas também giraram em torno da Operação Pan-Americana (OPA), projeto voltado para o desenvolvimento multilateral e encaminhado por Juscelino Kubitschek. Dulles reafirmou ainda a posição dos EUA, que exigia a revisão do monopólio estatal sobre o petróleo brasileiro: sem que houvesse recuo do governo JK, negou a possibilidade de qualquer financiamento do Eximbank para o setor. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1958. Agência Nacional



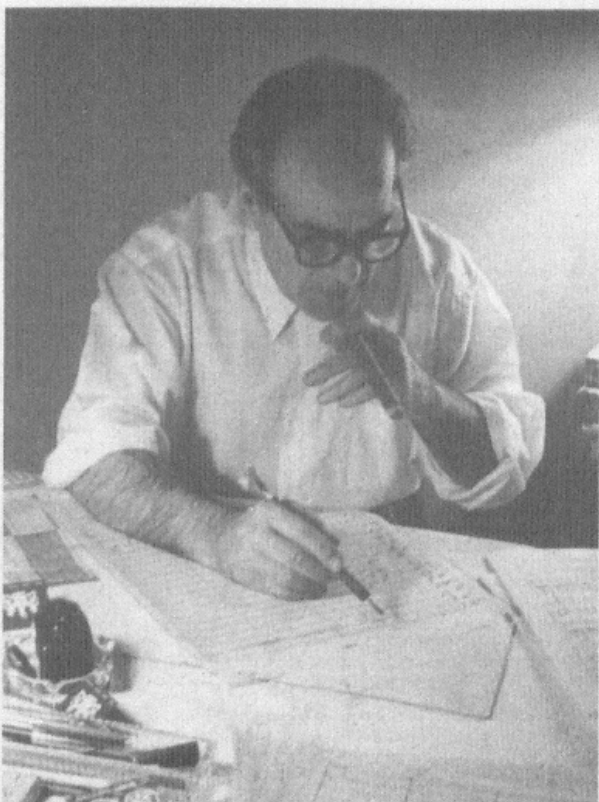
O presidente Juscelino Kubitschek recebe o ministro André Malraux, encarregado de Assuntos Culturais da França, no Palácio das Laranjeiras. O escritor francês era um dos entusiastas da construção de Brasília, e tendo visitado as obras nesta mesma ocasião, afirmou em seu discurso que Brasília era a "capital da esperança". Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1959. Correio da Manhã



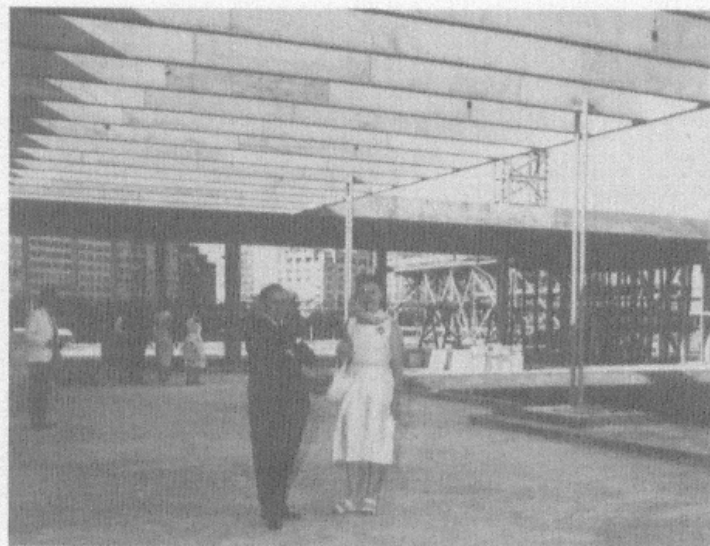
No mês de aniversário de seu primeiro ano de governo e de mais um carnaval, JK almoça em tradicional restaurante carioca. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1957. Agência Nacional



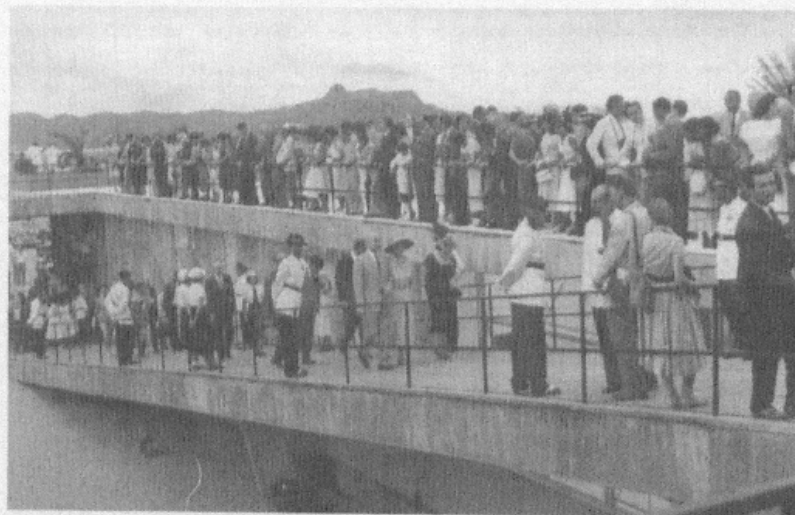
Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cacilda Becker e sua irmã, Cleide Yáconis, no coquetel de inauguração do teatro Cacilda Becker. Rio de Janeiro, [31] de março de 1958. Correio da Manhã



Heitor Villa-Lobos em sua mesa de trabalho. Nesta ocasião, o maestro e compositor passava uma longa temporada nos Estados Unidos, se apresentando em diversas cidades americanas. O maestro morreu alguns meses depois de esta foto ter sido tirada, e seus funerais causaram grande comoção e arrastaram uma multidão pelo Rio de Janeiro. Estados Unidos da América, 28 de julho de 1959. Foto Jesse A. Fernandez. Correio da Manhã



A diretora-executiva do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), Niomar Moniz Sodré, e o pintor Cândido Portinari, sob a bela pérgula do restaurante, em visita às obras do museu. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1956. Correio da Manhã



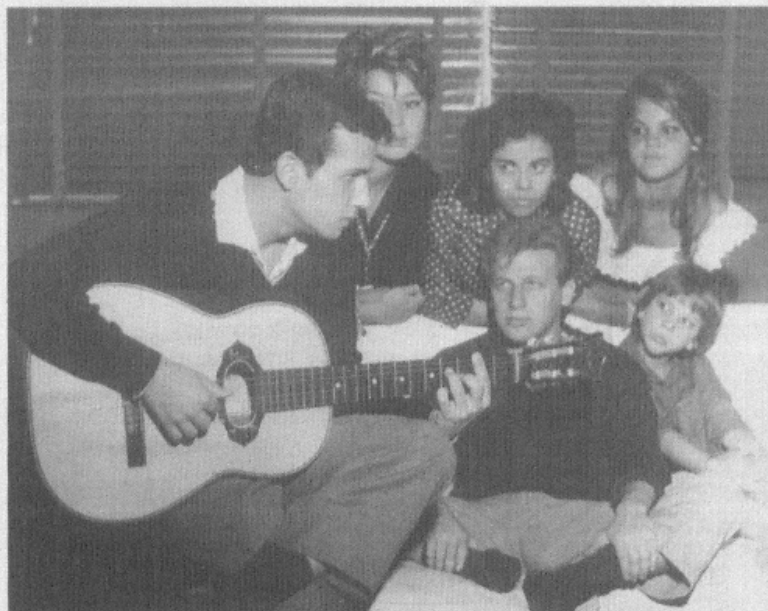
As obras de construção do Museu de Arte Moderna se iniciaram em 1954. Em 1958, o Bloco Escola foi concluído e passou a ser utilizado para realização das mostras; o Bloco de Exposições só ficaria pronto em 1967. O arquiteto e urbanista Afonso Eduardo Reidy foi o responsável pelo projeto que bem representa a arquitetura modernista em voga – estruturas vazadas, transparências – e um certo traço brutalista, vertente característica das décadas de 1950 e 60, expresso no concreto armado aparente. O responsável pelos jardins foi o paisagista Roberto Burle Marx. O MAM na ocasião da abertura do Bloco Escola ao público: a rampa do museu tomada pelos visitantes. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1958. Correio da Manhã

O presidente Juscelino Kubitschek sobe a rampa do Museu de Arte Moderna, na inauguração da instituição. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1958. Correio da Manhã





O cantor Silvio Caldas é recebido pelo presidente Juscelino e sua família. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1957. Correio da Manhã



"Bebeto & Juca. Aí estão reunidos numa só foto – que promete ser rara – dois cantores da muito decantada 'bossa nova': Roberto Carlos (de violão em punho), Juca Chaves e alguns fãs". Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1960. Correio da Manhã



Cauby Peixoto cercado por suas fãs. O cantor iniciou sua carreira como quase todos os cantores daquela época, nos estúdios das emissoras de rádio. Integrante do elenco da Rádio Nacional, substituiu Orlando Silva no posto de cantor mais popular, já consagrado como um dos maiores do Brasil. Tinha um público feminino fiel e fanático, que chegou a rasgar suas roupas em algumas ocasiões. Lançou muitos discos de sucesso e apesar de considerado um cantor de estilo mais tradicional, tinha um amplo repertório, e no início dos anos 1960 interpretava músicas consideradas da "bossa nova", como "A felicidade", de Vinícius de Moraes e Tom Jobim. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Vinda de uma família de músicos e seresteiros, "A Divina" começou cedo na carreira de cantora, levada pelas mãos de Jacob do Bandolim à Rádio Guanabara. Em 1958 lançou, entre outros, o antológico álbum "Canção do amor demais", marco do início da bossa nova, no qual interpretava composições de Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Carlos Lyra, acompanhada ao violão por João Gilberto em "Chega de saudade", música ícone do início do novo movimento musical. Gravou em 1959 duas músicas – "Manhã de Carnaval" e "Samba de Orfeu" – para a trilha do filme de Marcel Camus. Lançou mais de 40 discos e teve uma longa e bem-sucedida carreira, inclusive internacionalmente, sendo reconhecida como uma das maiores cantoras do Brasil. Elizabeth Cardoso na visita do trompetista Louis Armstrong ao Brasil, na boate *Au Bon Gourmet*, em Copacabana. À esquerda, o embaixador dos Estados Unidos, Ellis O'Briggs. Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1958. Correio da Manhã



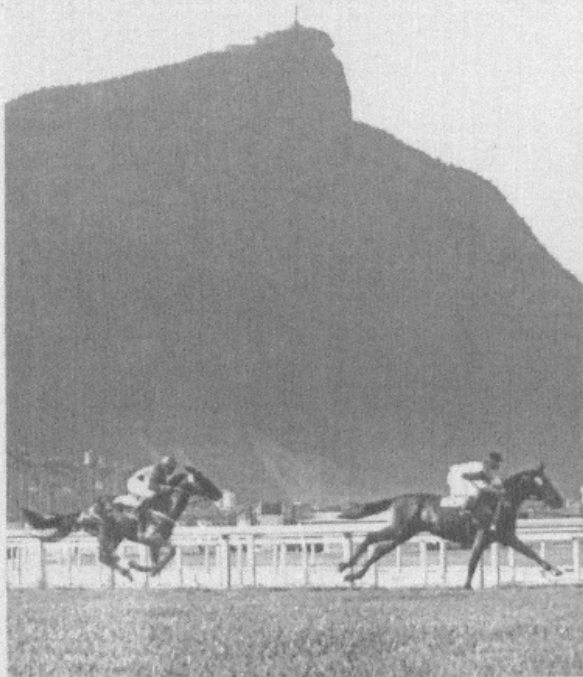
Público feminino presente no Grande Prêmio Brasil, no Jockey Clube. Uma das marcas do prêmio é a elegância das mulheres que comparecem ao evento. Rio de Janeiro, 1958. Correio da Manhã

Mulheres com saias rodadas e volumosas, feitas com muitos metros de tecidos, que se destacavam ainda pela cintura marcada e estreita; sapatos de salto alto; colares de pérolas: o exuberante *new look* Dior, que revolucionou a moda feminina a partir de 1947, talvez seja a síntese mais precisa das escolhas vestimentares da alta sociedade brasileira na década de 1950. Uma época em que a moda ficaria marcada, em boa parte do mundo, pelo *glamour* e pelo luxo, desejos compreensíveis após a Segunda Guerra.

Um tempo no qual a França continua a ser a grande referência na criação da moda e que a inscrição Paris na etiqueta das roupas era um sinal de distinção, naturalmente para as mulheres que podiam fazer compras na capital francesa ou adquirir as novidades importadas por lojas como a Casa Canadá no Rio de Janeiro. A *maison*, comandada por Mena Fiala, na avenida Rio Branco, confeccionava modelos inspirados na alta-costura francesa, além de funcionar como uma peleteria de luxo, comercializando e conservando em geladeiras, estolas e casacos vistos no Teatro Municipal e nas corridas do Grande Prêmio Brasil, no Jockey Clube. Acompanhando as elegantes de então, viam-se homens com o clássico terno e gravata.

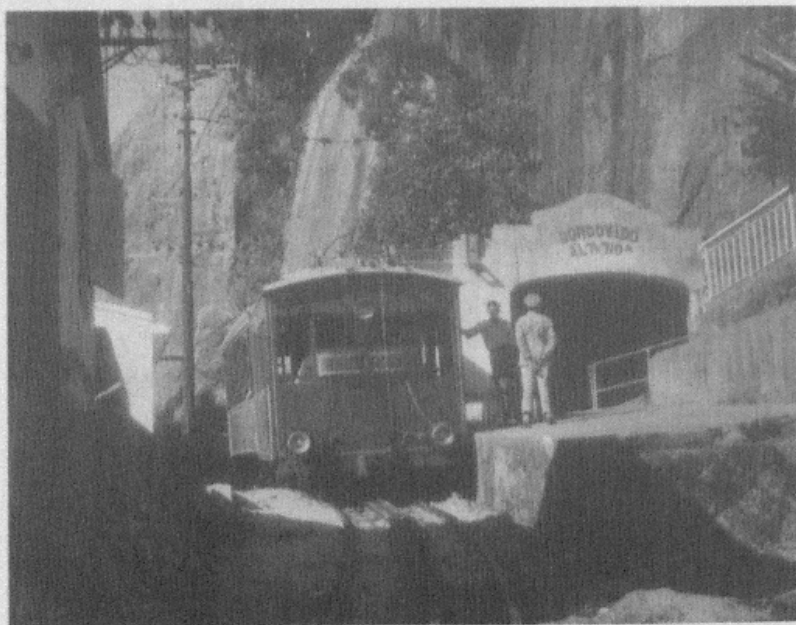
Outra fonte de inspiração para as mulheres surge em *O Cruzeiro*, com a seção "As garotas do Alceu". A cada edição da revista, o desenhista Alceu Pena exibia moças em poses descontraídas, usando roupas que sugeriam não apenas novos padrões estéticos, mas também de comportamento. Calças compridas, maiôs mais cavados, óculos gatinho: assim apareciam as garotas "bossa nova" com quem, segundo Ziraldo, todos os jovens da época queriam se casar.

Entre a elegância chique de Paris e a descontração que já denotava uma influência americana, os homens e mulheres que celebraram a inauguração da nova capital optaram pela tradição: em pleno Planalto Central, com suas altas temperaturas, eles de casaca e elas em modelos da alta-costura, a maior parte deles confeccionado pela Canadá, a começar pelo vestido da primeira dama Sara Kubitschek.



Lagoa Rodrigo de Freitas. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1957. Correio da Manhã

Criado em 1933 pelo empresário Lineu de Paula Machado, o GP Brasil é até hoje a mais importante e charmosa prova do turfe no país. Em meio a um desfile de modas e chapéus das finas senhoras da sociedade carioca, os apaixonados pelas corridas de cavalos, ricos ou pobres, se reúnem para apostar e assistir à competição, emoldurada pela bela paisagem da cidade. Grande Prêmio Brasil. Rio de Janeiro, 1958. Correio da Manhã

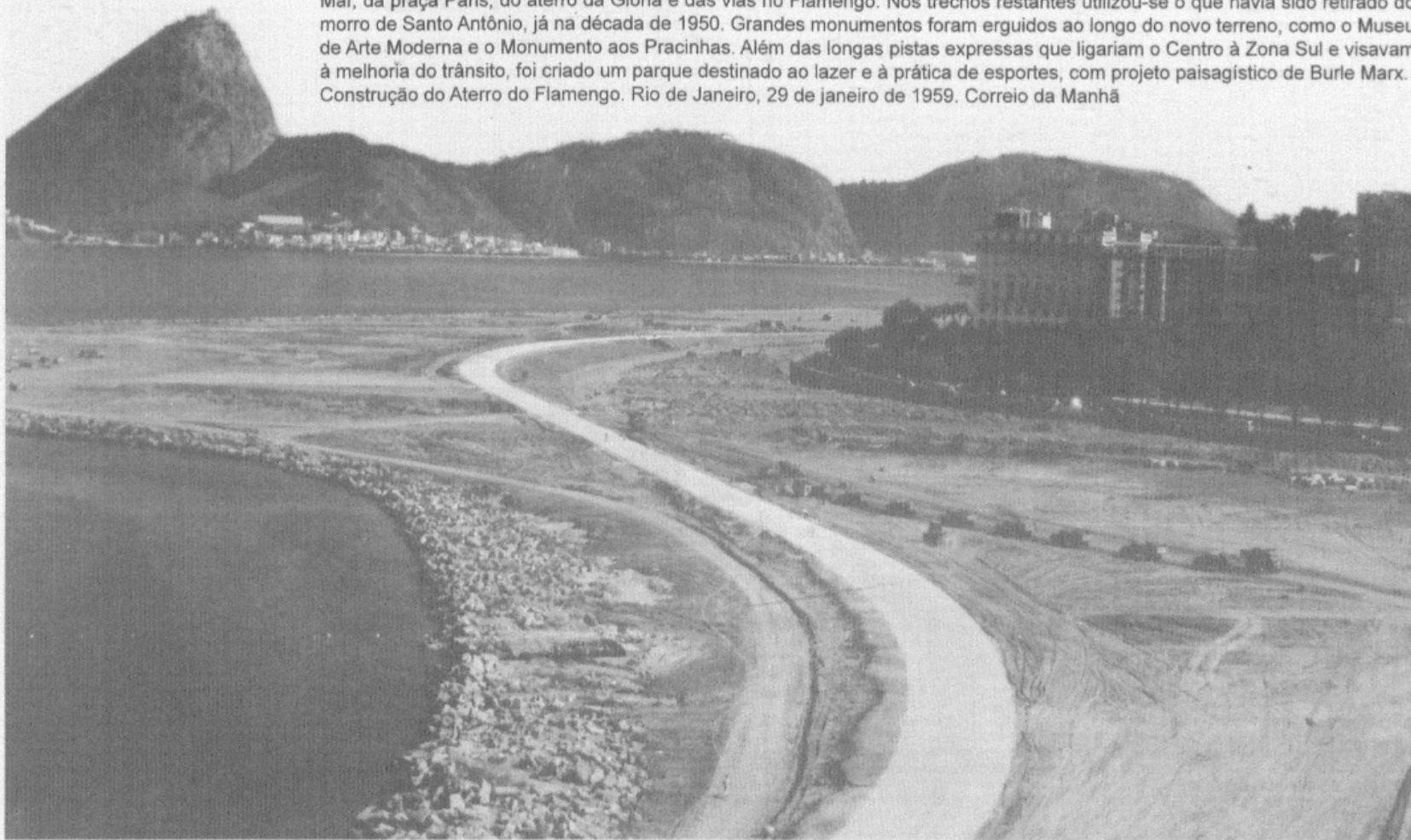


O trem que leva os passageiros até o alto do Corcovado. A estrada de ferro do Corcovado, concluída em 1885, está entre as primeiras do país, e proporciona um dos mais tradicionais passeios turísticos da cidade. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1957. Correio da Manhã



A pedra fundamental da construção do monumento ao Cristo foi lançada em 1922, mas a estátua somente foi inaugurada em 1931. Durante muito tempo acreditou-se que a obra fora um presente da França, mas o Cristo Redentor foi construído no Brasil, projeto do engenheiro Heitor da Silva Costa, que venceu o concurso, com desenho final do artista plástico Carlos Oswald e executado em pedra-sabão pelo escultor francês Paul Landowski. Cristo Redentor. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1958. Correio da Manhã

O Aterro do Flamengo, ou parque Brigadeiro Eduardo Gomes, se estende do aeroporto Santos Dumont até o início da praia de Botafogo, e seu trecho principal fica entre a praia do Russel e a do Flamengo. O início do aterramento dessa área remonta aos anos 1920, quando o material que começava a ser retirado do morro do Castelo foi utilizado para a construção da avenida Beira-Mar, da praça Paris, do aterro da Glória e das vias no Flamengo. Nos trechos restantes utilizou-se o que havia sido retirado do morro de Santo Antônio, já na década de 1950. Grandes monumentos foram erguidos ao longo do novo terreno, como o Museu de Arte Moderna e o Monumento aos Pracinhas. Além das longas pistas expressas que ligariam o Centro à Zona Sul e visavam à melhoria do trânsito, foi criado um parque destinado ao lazer e à prática de esportes, com projeto paisagístico de Burle Marx. Construção do Aterro do Flamengo. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1959. Correio da Manhã



"Desde ontem o Rio de Janeiro conta com mais duas avenidas. Uma substituiu o Morro de Santo Antônio, outra substituiu o mar. O sítio deixado vazio pela remoção de grande trecho do morro deu lugar à Avenida República do Chile, ligando a Rua da Relação ao Largo da Carioca. A terra retirada dali, por sua vez, foi depositada no mar, em frente à praia do Flamengo, permitindo a construção do novo caminho aberto ao tráfego, do qual se tem uma visão na foto, destacando-se em primeiro plano o Museu de Arte Moderna." Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1959. Correio da Manhã



Vista panorâmica do Aterro, na altura do bairro da Glória. No detalhe, vê-se o Monumento aos Pracinhas em construção. Rio de Janeiro, fevereiro de 1959. Correio da Manhã



Casa das Canoas, residência de Oscar Niemeyer até 1959, em São Conrado. Erguida entre 1952 e 1953, a casa reúne os elementos da arquitetura modernista já presentes na obra de Niemeyer desde o conjunto da Pampulha, e que culminariam com a construção de Brasília nos anos seguintes. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



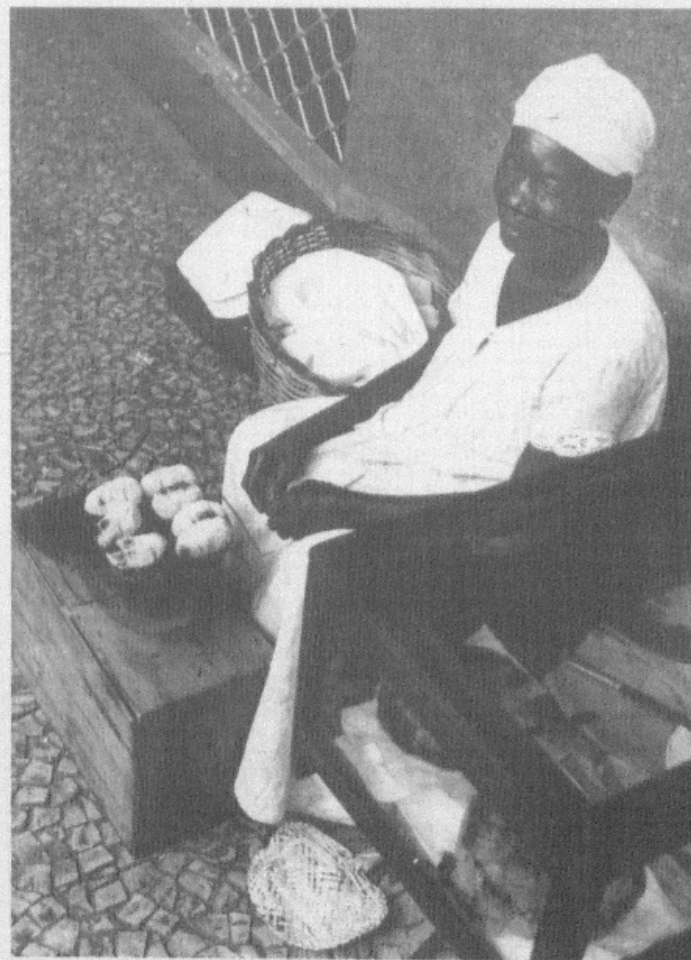
Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro. O edifício de linhas modernas, projetado por Oscar Niemeyer, foi inaugurado em 1958. Os murais da fachada são do artista plástico Athos Bulcão e os jardins de Burle Marx. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Largo da Carioca. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1956. Correio da Manhã



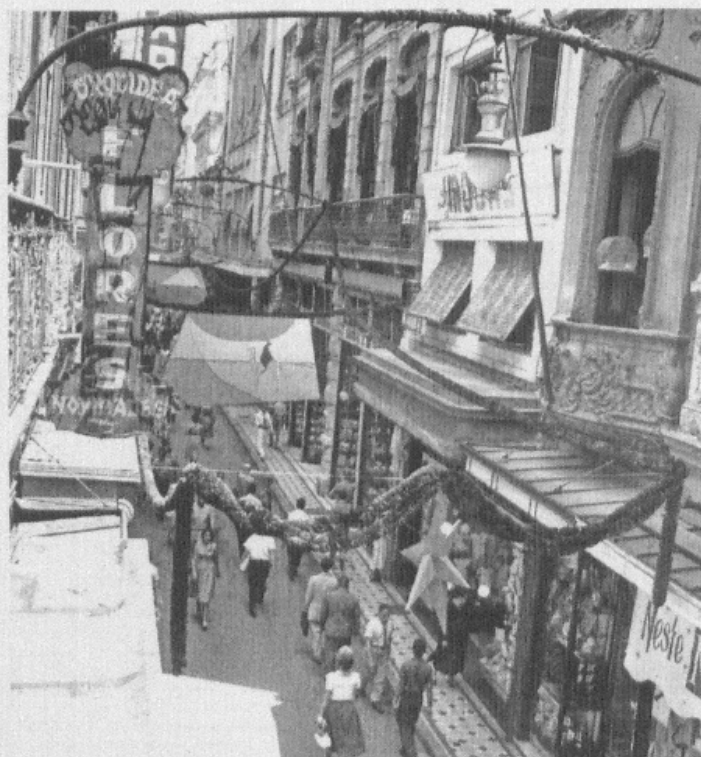
Bondes no Tabuleiro da Baiana, antigo terminal de transportes na rua Almirante Barroso, no centro do Rio de Janeiro. Construído em 1937, foi demolido na década de 1970. O apelido deve-se à cobertura de concreto em formato retangular lembrar as mesinhas usadas pelas baianas para vender seus quitutes. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1959. Correio da Manhã



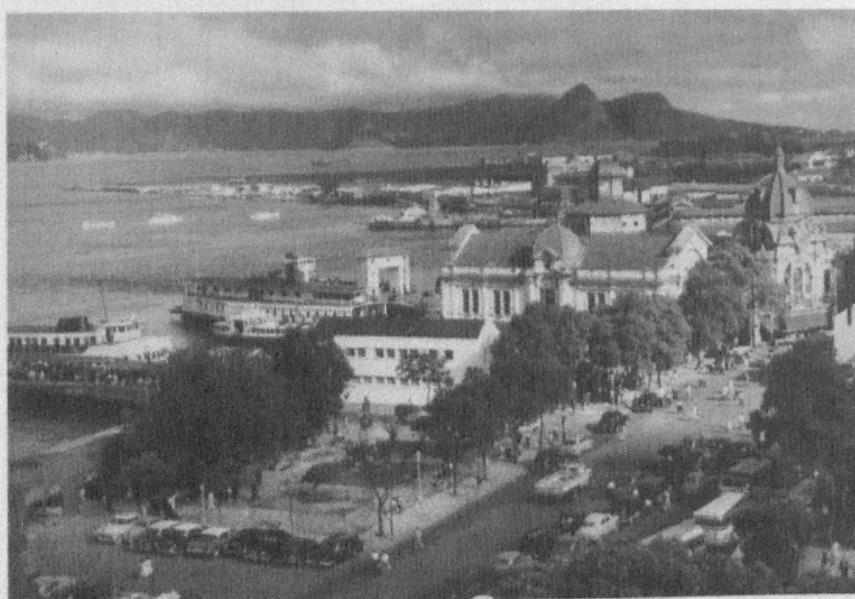
Baiana numa rua da cidade, costume que não se vê mais. Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1960. Correio da Manhã



Convento de Santo Antônio visitado por grande número de fiéis no dia do santo. A base do edifício data do início do século XVI, quando foi construído, apesar das grandes modificações sofridas no XVII. Um dos últimos prédios coloniais remanescentes no centro da cidade, resistiu a algumas tentativas de demolição, especialmente entre as décadas de 1900 e 1920. Nos anos JK, o morro começou a ser derrubado para a construção da avenida Chile, mas o convento permaneceu. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1960. Correio da Manhã



O centro do Rio de Janeiro ainda conserva algumas feições da arquitetura colonial, nos prédios históricos e no desenho das ruas. A região central é composta em grande parte de uma teia de corredores estreitos que servem de espaço de circulação e palco para o variado tecido social que circula por ela no dia a dia. Compondo o cenário, uma mescla de serviços, comércio, moradia, circulação, passagem e lugar de encontro, esse modelo que mistura o espaço público com o privado não agradava ao olhar dos modernistas que conceberam Brasília, assentada em grandes eixos, vias e pistas, onde o automóvel era o personagem principal, eliminando a figura do pedestre. A rua tradicional, suas esquinas e seu constante caos foram, a princípio, excluídos da nova capital, mas são um símbolo de permanência na memória da "belacap". Rua Gonçalves Dias. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Praça XV, vendo-se a estação das barcas para Niterói. Rio de Janeiro, 1960. Foto George Gafner. Correio da Manhã



Rua Visconde do Rio Branco. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1956. Correio da Manhã



Cena de rua. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1957. Correio da Manhã



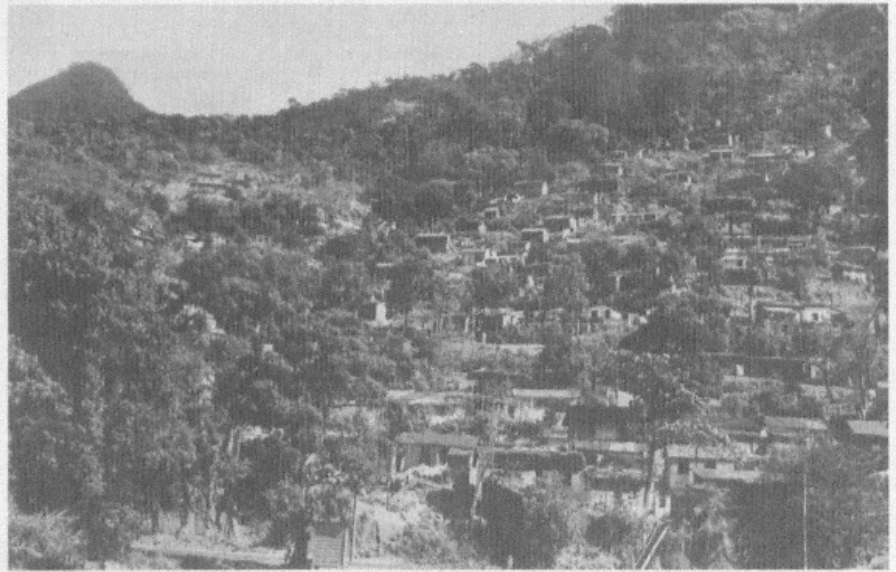
Rua do Mercado. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã

A ocupação dos morros no centro do Rio de Janeiro e a constituição das primeiras favelas iniciaram-se nos anos finais do século XIX, mas sobretudo nos primeiros vinte anos do século XX, período que ficou conhecido como "bota-abaixo". O governo Pereira Passos promoveu uma série de reformas urbanas, visando ao embelezamento e à melhoria das condições de salubridade da cidade, o que levou à derrubada de casas e construções coloniais para a abertura de modernas avenidas. Os cortiços e cabeças de porco foram desativados e arrasados com o objetivo, segundo o discurso da época, de melhorar as condições de higiene, garantir a ordem urbana e isolar a população pobre da cidade nos subúrbios mais distantes. No entanto, em vez de se transferir para os espaços periféricos reservados, os trabalhadores mais pobres subiram e se instalaram nos morros que rodeavam o Centro e deram início às favelas, que proliferaram ao longo do novecentos. Favela no centro da cidade. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Favela do morro de Santo Antônio, que começou a ser ocupada ainda em fins do século XIX, imortalizada na crônica "Os livres acampamentos da miséria", do escritor João do Rio (1917). O autor revela com tintas fortes a pobreza e o abandono das famílias que viviam na encosta do morro, a maioria de trabalhadores expulsos dos cortiços ainda durante as reformas urbanas promovidas na gestão do prefeito Pereira Passos. Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1959. Correio da Manhã

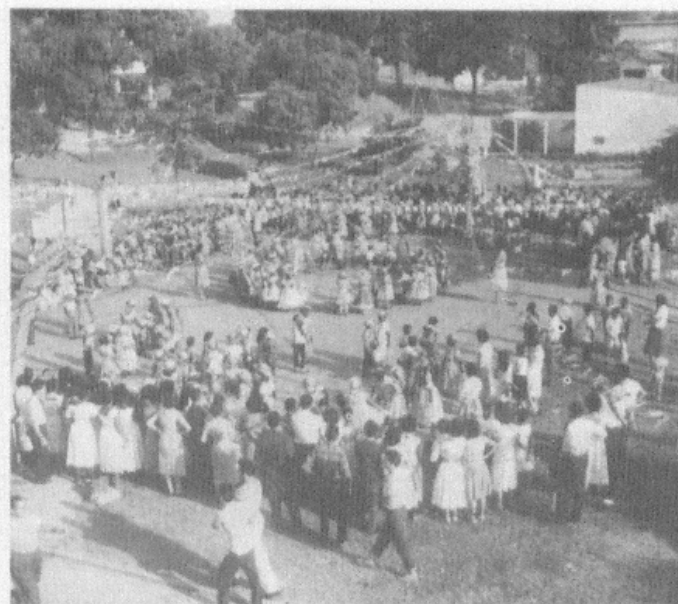
Morro do Borel, na Tijuca. A ocupação desta área se deu nos anos 1920, quando do desmonte do morro do Castelo e do início da desocupação do morro de Santo Antônio, ambos no centro da cidade. A União dos Trabalhadores Favelados surgiu no morro do Borel em 1954 para defender a permanência dos moradores que estavam sob ameaça de expulsão, e foi a primeira iniciativa de associação de moradores de favelas no Rio. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1957. Correio da Manhã



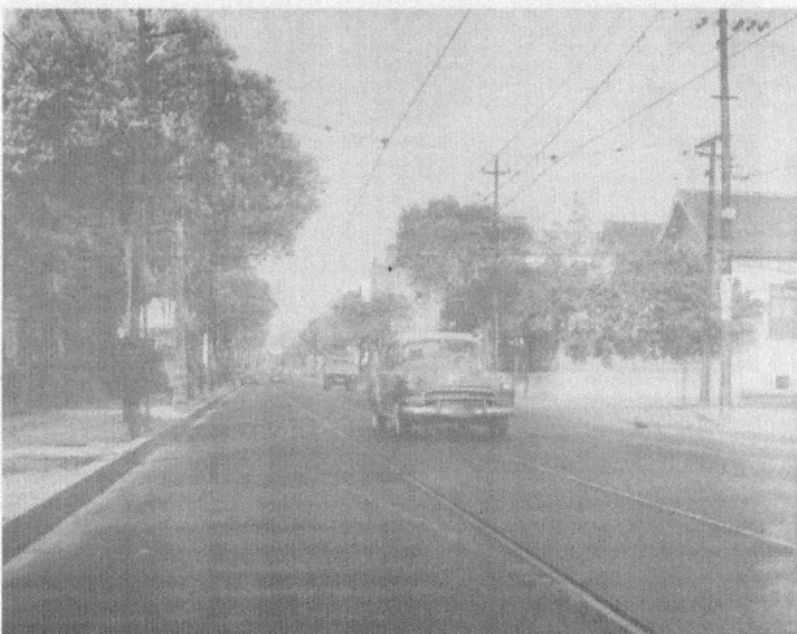
Comemorações do Dia do Trabalho no campo do Vasco com o presidente Juscelino. Rio de Janeiro, 1º de maio de 1956. Agência Nacional



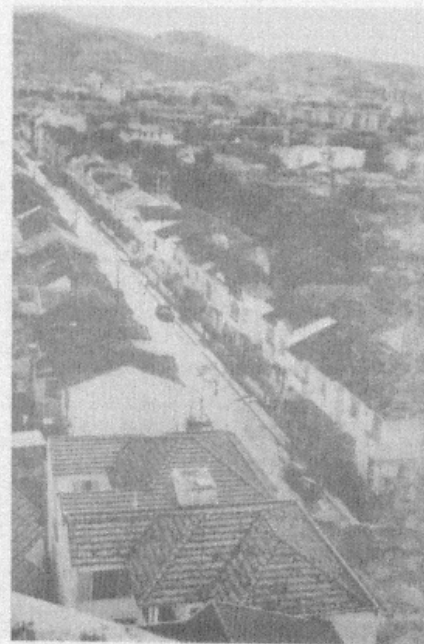
Alguns fatores contribuíram para o deslocamento gradual da população das áreas centrais em direção aos subúrbios da cidade. Um deles foi a abertura dos ramais da rede ferroviária, que facilitavam o deslocamento e fizeram nascer alguns núcleos populacionais, concentrados em torno das estações dos trens, como o bairro de Madureira. Grande parte da população que partia em direção a regiões mais periféricas provinha do centro da cidade. Com as várias reformas urbanas na região central visando à abertura de novas vias, as demolições de morros e o conseqüente aumento no custo habitacional, muitas pessoas precisaram encontrar novos locais para viver. Considerados áreas primordialmente rurais até meados da década de 1950, os subúrbios iniciam um processo de urbanização, que inclui o asfaltamento de ruas e a ampliação das linhas de bonde, embora mantendo sua feição residencial. Praça de Magno, em Madureira. Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1959. Correio da Manhã



A Escola Edmundo Bittencourt integra o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, projeto do arquiteto Affonso Reidy. O conjunto começou a ser construído em 1947 e foi inaugurado parcialmente em 1958, contando com blocos residenciais, áreas de serviço e lazer, além do complexo ginásio-creche-escola primária. Esse projeto, aclamado pelos mais importantes arquitetos de sua época, encerra o conceito da ação reformadora da arquitetura, com uma clara função social, unindo beleza, funcionalidade e bem-estar. O belo edifício da escola conta ainda com painéis de azulejo de Portinari (fachada) e de Burle Marx (internos). Famílias reunidas para festa junina na Escola Edmundo Bittencourt, em Benfica. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1959. Correio da Manhã



Conclusão do asfaltamento da rua Vinte e Quatro de Maio, no bairro do Riachuelo. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1956. Correio da Manhã



Rua Agostinho Menezes, no Andaraí. Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1958. Correio da Manhã



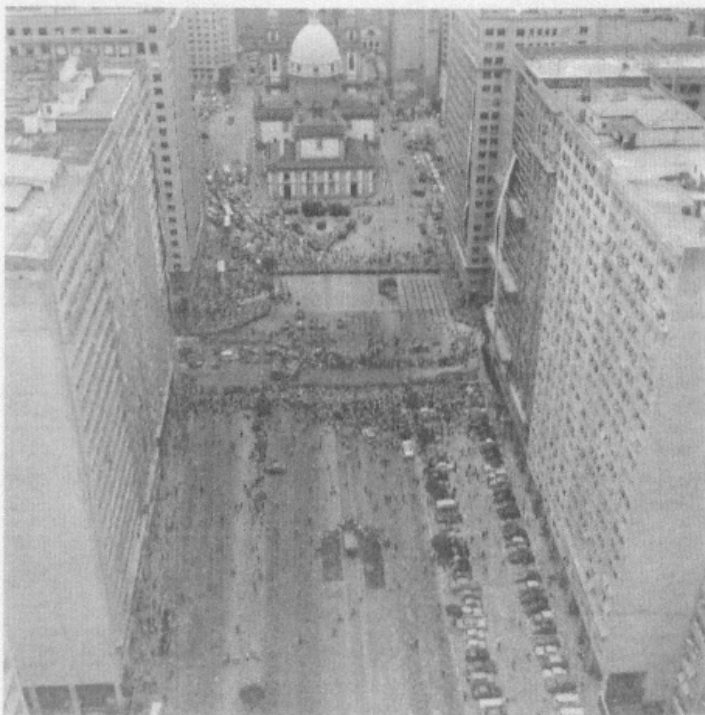
Ocupação das áreas entre o Rio Comprido e Laranjeiras, acompanhando o túnel, reformado e ampliado em 1952. Inaugurado em 1887, o túnel Rio Comprido-Laranjeiras é o mais antigo da cidade e foi a principal ligação entre as zonas Norte e Sul, sem a necessidade de passar pelo Centro, até a construção do Santa Bárbara e do Rebouças. Rio de Janeiro, 1º de julho de 1956. Correio da Manhã



Visita do presidente dos Estados Unidos "Ike" Eisenhower ao Brasil. Rio de Janeiro, 3 de março de 1960. Foto O Cruzeiro. Correio da Manhã



Com a avenida Rio Branco em festa, o general Eisenhower, presidente dos Estados Unidos, desfila em carro aberto com Juscelino em um dos últimos dias da cidade como sede do governo federal. O chefe de Estado norte-americano (1956-1961), comandante-geral das forças aliadas na Europa durante a Segunda Guerra, buscava, um ano após a Revolução Cubana, estreitar as relações com a América Latina. Um dos efeitos de seu encontro com JK foi o reatamento, em novos moldes, entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional, conforme sugerido pelo governo dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1960. Agência Nacional



Avenida Presidente Vargas durante a visita do presidente americano ao Rio de Janeiro, vendo-se ao fundo a Igreja da Candelária. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1960. Agência Nacional



Presidente e vice-presidente se despedem do Rio de Janeiro. 7 de março de 1960. Agência Nacional



Um aspecto da Cidade Maravilhosa. Rio de Janeiro, 4 de março de 1959. Foto George Gafner. Correio da Manhã

O som do Rio

Nos anos 1950, a boemia carioca começa a se deslocar do centro da cidade e da Lapa em direção à Copacabana. Músicos, artistas de teatro, intelectuais e compositores passam a se reunir nos bares e principalmente nas *boîtes* do bairro, onde os maiores cantores nacionais e alguns internacionais se apresentavam e compartilhavam o lugar com espetáculos musicais, teatrais e revistas. Nesse novo espaço de sociabilidade há o encontro de gerações da música popular – os grandes cantores do rádio, sambistas tradicionais, os jovens músicos da bossa nova, grupos de *jazz* – e surgem experiências e parcerias inéditas.



Carlos Lyra, um dos pioneiros da bossa nova. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1960. Correio da Manhã



A cantora Maysa em apresentação ainda no início de sua carreira. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1958. Correio da Manhã



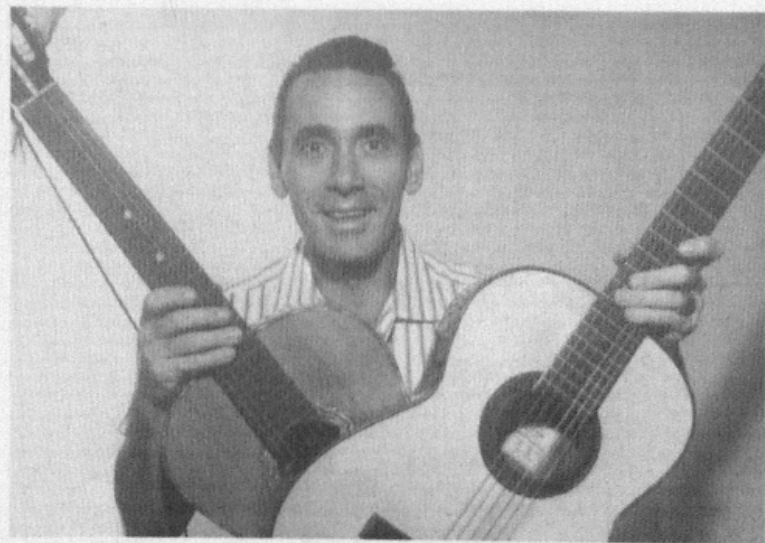
O poeta e diplomata Vinícius de Moraes em visita ao Brasil. [Rio de Janeiro], 20 de dezembro de 1955. Correio da Manhã



O Cantor das Multidões, Orlando Silva. Rio de Janeiro, 7 de julho de 1959. Correio da Manhã



Dolores Duran, que se apresentava no *Little Club*, no Beco das Garrafas, em Copacabana. Rio de Janeiro, 15 de julho de 1957. Correio da Manhã



Nelson Gonçalves, ícone da boemia carioca dos anos 1950. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1960. Correio da Manhã



Pixinguinha e Almirante. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1957. Correio da Manhã



Zé Ketil, no *Correio da Manhã*, fala do sucesso de seu samba "A voz do morro". Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1956. *Correio da Manhã*

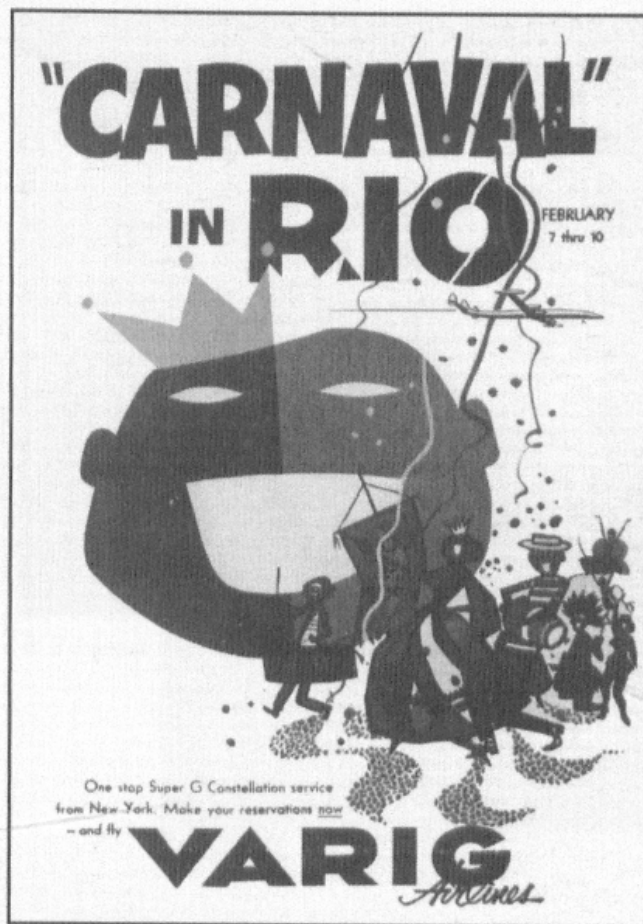


A cantora Dalva de Oliveira. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1956. *Correio da Manhã*

O carnaval do Rio de Janeiro é uma manifestação cultural multifacetada, que mistura gênero musical, dança, brincadeiras de rua, bailes, concursos de fantasias e desfiles de agremiações. Sua história mescla expressões de diferentes épocas e lugares, que se entrelaçaram e acabaram por constituir um dos símbolos da identidade do país. Uma das origens da comemoração é o entrudo, festividade que consistia em acirradas batalhas de água, pós e ovos, trazido pelos portugueses durante o período colonial. Percebido como violento, foi duramente combatido ao longo de todo o século XIX, ao final do qual conviveu com o carnaval de características europeias não-ibéricas, cujos principais modelos eram os de Veneza e Paris, com máscaras, fantasias, confete e corso.

Na virada do século XIX para o XX, outra vertente da comemoração começou a ser gestada nas casas das mães de santo baianas, conhecidas como "tias", onde sempre havia muita música e dança, numa combinação de culto aos orixás e samba de roda. Estas festas na Praça Onze, apesar da constante repressão policial, ficaram famosas e tornaram-se ponto de reunião dos melhores músicos e compositores negros, o que rendeu ao lugar a denominação de Pequena África. Paralelamente, os sucessivos projetos de modernização da área central da cidade empurraram para os subúrbios a população mais pobre e, com ela, manifestações culturais de cunho popular que foram também incorporadas na mistura do carnaval.

Na década de 1920, as escolas de samba passaram a se diferenciar da estrutura tímida dos blocos carnavalescos e a se organizar em agremiações, dando início a um processo que foi, ao mesmo tempo, de afirmação de segmentos populares segregados e de constituição de um projeto político de nacionalidade. Pioneiras, Portela e Estação Primeira de Mangueira contaram com a participação de artistas que divulgaram o samba para o restante do país por meio de shows e apresentações no rádio. Nos anos 1950, as escolas se consolidaram e colaboraram para que o carnaval da cidade adquirisse projeção nacional e internacional.



Cartaz sobre o carnaval do Rio de Janeiro distribuído pelos escritórios da Varig nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1959. Correio da Manhã



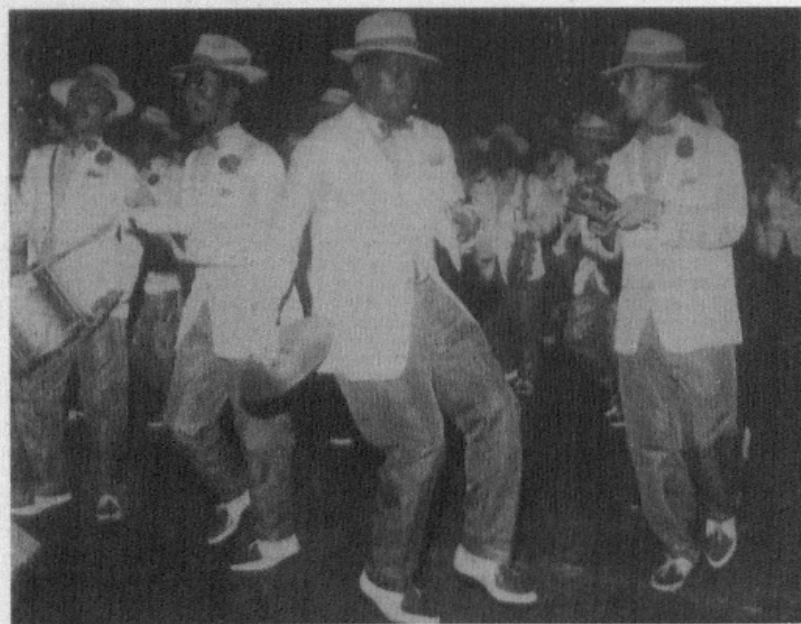
Desfile da Escola de Samba Portela, que em 1958 conquistou o título de bicampeã do carnaval. Rio de Janeiro, 1958. Correio da Manhã



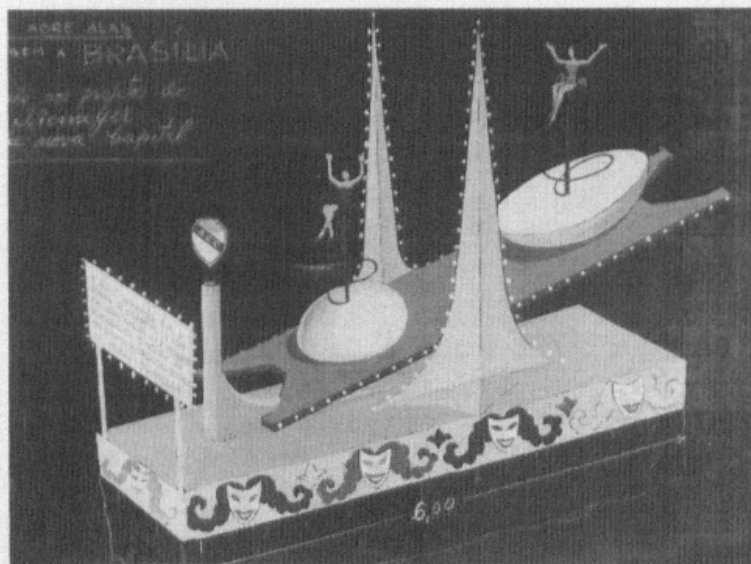
Escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro, 8 de março de 1957. Correio da Manhã



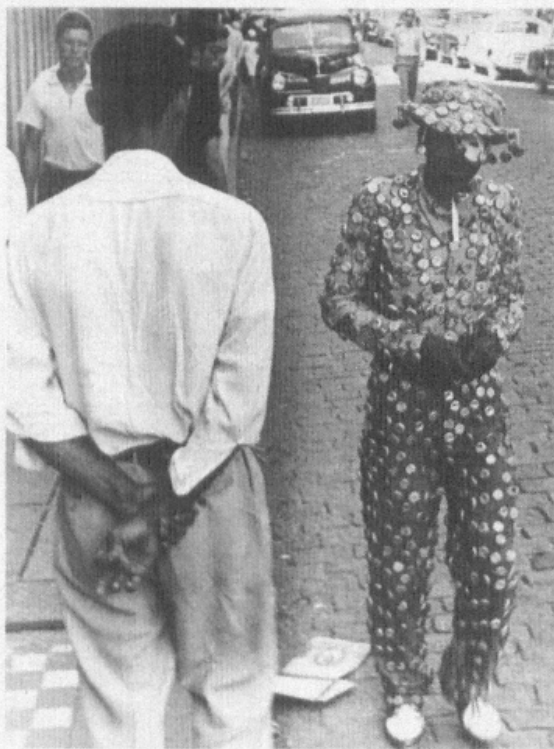
Jamelão, intérprete do samba da Estação Primeira de Mangueira, no desfile em que a escola foi campeã com o enredo *Carnaval de todos os tempos*. Rio de Janeiro, 4 de março de 1960. Correio da Manhã



Calixto dos Anjos Filho, ritmista da Escola de Samba Império Serrano, era conhecido como Calixto do Prato por ter introduzido o uso de pratos metálicos como instrumento na bateria. Calixto no desfile do Império Serrano. Rio de Janeiro, 1958. Correio da Manhã



A Associação de Cronistas Carnavalescos abriu concorrência para a confecção do préstito para o desfile da Rainha do Carnaval de 1958, vencida pelo artista José Menezes com a alegoria intitulada *Conquista do Espaço*. Carro alegórico para abertura do desfile das grandes sociedades no último dia de carnaval. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1958. Correio da Manhã



Improvisadas ou sofisticadas, alusivas a personagens tradicionais ou voltadas à crítica mordaz de indivíduos e situações, as fantasias carnavalescas são elementos constantes nas ruas, além de concorrentes em disputados concursos. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Tirolês e grega. Rio de Janeiro, 1958. Correio da Manhã

No carnaval de 1919, Júlio Silva desfilou pela primeira vez o Bloco do Eu Sozinho e, pelos sessenta anos seguintes, continuou divertindo os foliões com sua fantasia de *clown*, piadas mordazes e a indefectível tabuleta. Bloco do Eu Sozinho. Rio de Janeiro, 2 de março de 1957. Correio da Manhã



O Baile de Gala do Teatro Municipal contava com a participação maciça de foliões, atraindo tanto autoridades quanto anônimos, desde suas primeiras edições nos anos 1930. O disputado concurso de fantasias, que premiava luxo e originalidade, acontecia como parte da programação que também incluía diferentes orquestras e banquetes. No ano de 1956, a decoração do baile foi criada por Roberto Burle Marx. Francisco José, 2º lugar no concurso de fantasia dos meninos no Baile Infantil do Municipal. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1956. Correio da Manhã



Ornamentação da cidade para o carnaval. Rio de Janeiro, s.d. Correio da Manhã



Em 1846, o sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes saiu às ruas do Rio de Janeiro, no sábado de carnaval, acompanhado de amigos e tocando tambores. Foi o suficiente para que nos anos seguintes, renomeado "Zé Pereira", fosse imitado por diferentes grupos em toda a cidade. Bloco do Zé Pereira. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1956. Correio da Manhã



Flagrante do Baile dos Artistas no Hotel Glória. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1958. Correio da Manhã



Os blocos, grupos formados por familiares, amigos e vizinhos, reúnem-se e desfilam sua irreverência pelas ruas dos subúrbios e do centro do Rio de Janeiro, tendo a avenida Rio Branco como palco privilegiado. Alguns são formados por foliões que deixam os bailes de madrugada e continuam com a brincadeira, do lado de fora, até bem depois de raiar o dia. Cordão da Bola Preta. Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1958. Correio da Manhã



Baile do Municipal. Rio de Janeiro, 3 de março de 1960. Foto George Gafner. Correio da Manhã

50 anos em 5

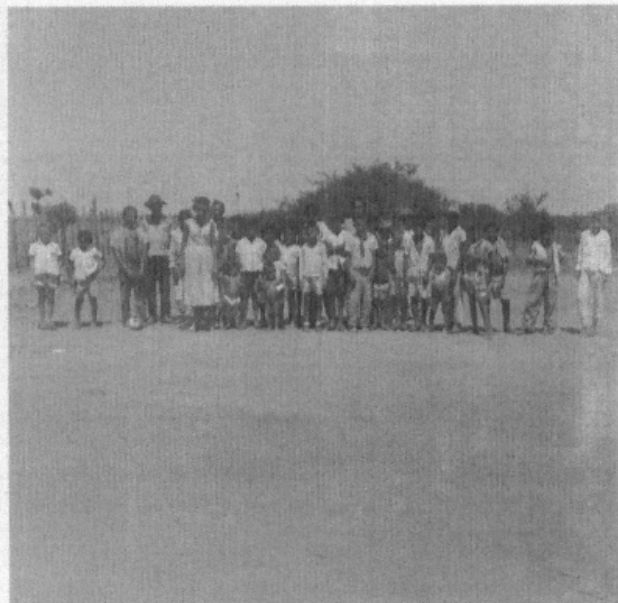
Cinquenta anos em cinco é o *slogan* eternamente vinculado ao governo JK. Os grandes planos de crescimento eram típicos de um Estado propugnador da economia em regimes de espectros políticos variados: anunciado em 1956, o Plano de Metas enfatizava a entrada de capitais estrangeiros e priorizava Energia, Transportes, Alimentação, Indústria de base e Educação. A meta-síntese era Brasília, a nova capital. Também foi criado o Conselho do Desenvolvimento encarregado do Plano de Desenvolvimento Econômico, herdeiro de estudos como os da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos de 1951 e da Comissão Econômica para América Latina e Caribe – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (CEPAL-BNDE) em 1952, no segundo governo Vargas.

Siderúrgicas; barragens; hidrelétricas; fábricas; usinas; construção de estradas; produção de motores, caminhões, carros de passeio, jipes, de procedência alemã e norte-americana, davam o ritmo de uma marcha que avançava do litoral para o interior. Juscelino era o “pioneiro da indústria nacional” e o governo registrou crescimento anual de 7% entre 1957 e 1961. Por outro lado, críticos da política econômica assinalaram a omissão nos planos de governo de uma política monetária e fiscal e os gastos excessivos, concentrados nos campos da energia e dos transportes, que drenavam 70% dos recursos previstos para as metas de JK.

O desenvolvimento econômico do país entrelaçou-se com a política externa americana, em meio à Guerra Fria. Assim seguiram-se, naqueles anos, a presença da estação de rastreamento de foguetes dos EUA, em Fernando de Noronha, as visitas de Nixon e Eisenhower, as pressões pelo combate conjunto ao comunismo, as consultas sobre o comércio brasileiro com a URSS, as tentativas de quebra do monopólio brasileiro sobre o petróleo e, por sua vez, a obtenção de empréstimos, a aprovação da Operação Pan-Americana defendida por JK e a presença do embaixador americano Ellis Briggs com Elizeth Cardoso e Louis Armstrong em 1958 na refinada noite carioca. Era a década dos *jazz ambassadors*, quando músicos americanos tornaram-se embaixadores da boa vontade em todo o mundo e, em conjunto com a bossa nova, compuseram a trilha sonora do novo impulso modernizador do país.



Em 1958, a seca, um antigo flagelo, atinge a região Nordeste e suas proporções levam o ministério a organizar o envio de ajuda e mantimentos, e o emprego de moradores das áreas próximas nas obras em curso. Juscelino Kubitschek visitou o interior do Ceará para observar os estragos e acompanhar os trabalhos do açude de Araras. Poço da Cruz, Ceará, 18 de abril de 1958. Agência Nacional



Zona das secas. Ceará, 18 de abril de 1958. Agência Nacional



Recepção ao presidente Juscelino Kubitschek e ao secretário de Finanças do governo de Minas Gerais, Tancredo Neves, que desembarcavam para a inauguração da usina hidrelétrica de Pandeiros. Minas Gerais, 26 de outubro de 1958. Agência Nacional



A construção da hidrelétrica de Pandeiros, alimentada pelas águas desse afluente do rio São Francisco, abrangeu um conjunto de municípios do sertão mineiro, entre os quais Januária é o de ocupação mais remota, a partir da exploração de riquezas minerais e da mão de obra indígena. Juscelino Kubitschek visita a região inaugurando a usina. Minas Gerais, 26 de outubro de 1958. Agência Nacional



Usina hidrelétrica de Pandeiros. Minas Gerais, 1958. Agência Nacional



A construção da barragem de terra de Três Marias, um represamento do rio São Francisco que criou o lago de mesmo nome em Minas Gerais, resultou de manobras políticas do governo brasileiro junto à administração norte-americana. Na ocasião do encontro de presidentes no Panamá, JK exigiu, para comparecer, a liberação de recursos já aprovados pela Comissão Mista Brasil-EUA ainda no governo Vargas. A obra foi iniciada afinal em setembro de 1957 e concluída em janeiro de 1961. O presidente visita as obras de Três Marias. Minas Gerais, 5 de junho de 1959. Agência Nacional



Inauguração da barragem de Três Marias. Minas Gerais, 14 de janeiro de 1961. Agência Nacional



Foi em meio a disputas políticas entre os governos estaduais de Minas Gerais e São Paulo e do governo federal que se decidiu a construção de Furnas, tida por alguns como um desperdício diante da construção de Três Marias. Apesar desses embates, em 1958 teve início a construção da usina. O presidente inspeciona obras em Furnas. Minas Gerais, 17 de outubro de 1959. Agência Nacional



JK vistoria obras em Furnas acompanhado de Lúcio Meira, presidente do BNDE. Minas Gerais, 17 de outubro de 1959. Agência Nacional.



O presidente em visita às obras da estrada Rio-Juiz de Fora-Belo Horizonte. s.l., 9 de março de 1956. Agência Nacional



Juscelino acompanha as obras da estrada Rio-Juiz de Fora-Belo Horizonte. s.l., 9 de março de 1956. Agência Nacional



Estrada de Rodagem Transbrasiliana, também conhecida como Rodovia da Unidade Nacional. s.l., 1º de agosto de 1958. Correio da Manhã



A rodovia Belém-Brasília começou a ser construída em 1956 a partir dos dois polos, passando pelo Distrito Federal, Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará. Concluída em 1960, recebeu o nome de Rodovia Bernardo Sayão em homenagem ao responsável pela empreitada e membro da diretoria da Novacap, que faleceria durante a obra, em 1959. O presidente visita a Belém Brasília. s.l., 10 de outubro de 1958. Agência Nacional



Frei Demétrio do Encantado, religioso franciscano pioneiro em Brasília, celebra missa no campo de Açailândia, com a presença do presidente da República. A cidade é uma das que surge como resultado da construção da rodovia Belém-Brasília. Açailândia, Maranhão, s.d. Correio da Manhã



Inauguração do novo trecho da BR-3. s.l., 29 de maio de 1960. Agência Nacional



A rodovia BR-3, Rio-Belo Horizonte, fazia parte do plano anunciado por JK de integrar as regiões e fomentar a indústria automobilística no país. Tratava-se de um "cruzeiro de estradas" cujo centro era a nova capital. O presidente inaugura a estrada Belo Horizonte-Brasília. s.l., 2 de fevereiro de 1957. Agência Nacional



Nos primeiros dias de fevereiro de 1960, em reunião com os governadores dos estados e territórios da região Norte, Juscelino anunciou o início da colonização das margens da rodovia Belém-Brasília e propôs a construção da Brasília-Acre. Durante o encontro, JK informou ter entrado em contato com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) visando incrementar a cultura de seringais, castanhas e outras lavouras para promover a integração das tribos que habitavam a região. O presidente Juscelino visita as obras da rodovia Acre-Brasília. s.l., 2 de julho de 1960. Agência Nacional





O presidente Juscelino visita as obras da rodovia Acre-Brasília quando foi derrubada a última árvore. s.l., 2 de julho de 1960. Agência Nacional.



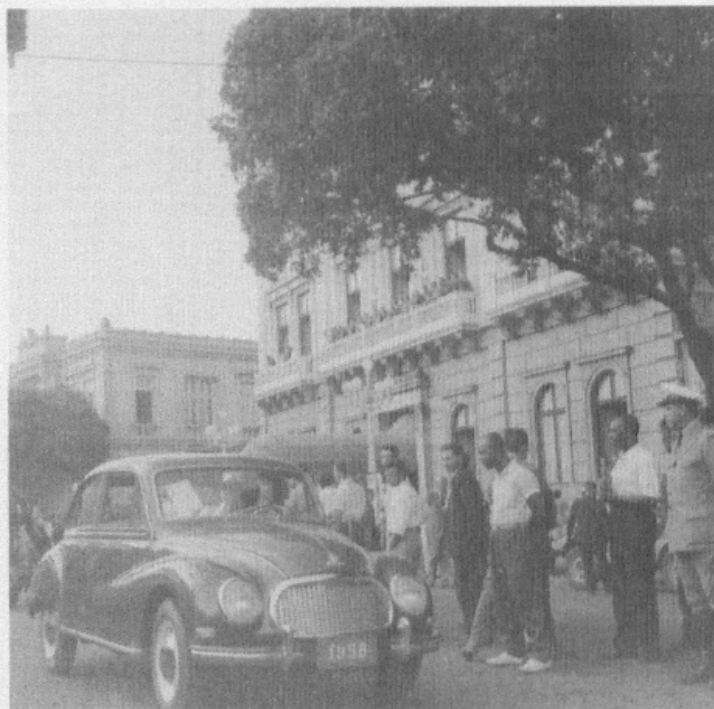
Em junho de 1956 foi criado o Grupo Executivo da Indústria Automobilística (GEIA), que deveria incentivar a fabricação de jipes e caminhões. No ano em que também começam a circular as pequenas Romi-Isettas, JK posa em um carro de fabricação nacional. [Rio de Janeiro], 4 de setembro de 1956. Agência Nacional



Em 1956 começou a operar a fábrica de caminhões da Mercedes Benz em São Bernardo do Campo, São Paulo, que produziu o primeiro caminhão nacional. Juscelino Kubitschek compareceu à inauguração das novas instalações da empresa. São Paulo, 28 de setembro de 1956. Agência Nacional



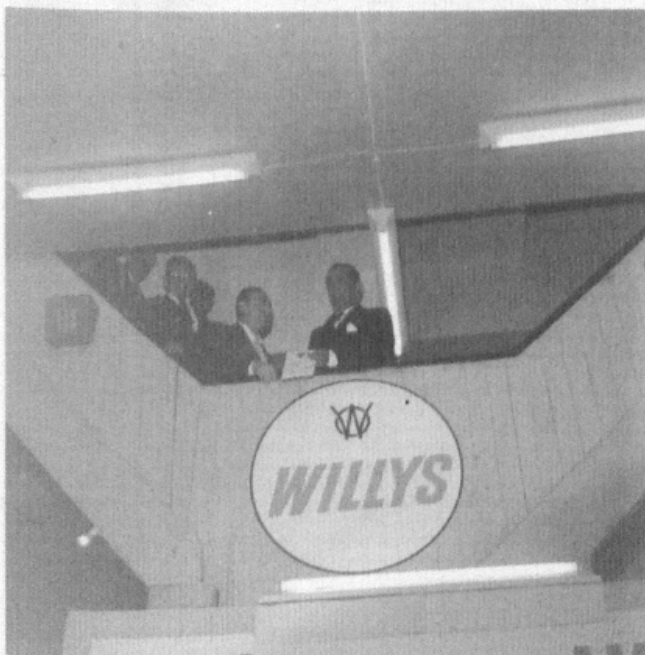
No desfile da Bandeira Automobilística Brasileira, carros de passeio de fabricação nacional são exibidos em frente ao Palácio do Catete. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1958. Agência Nacional



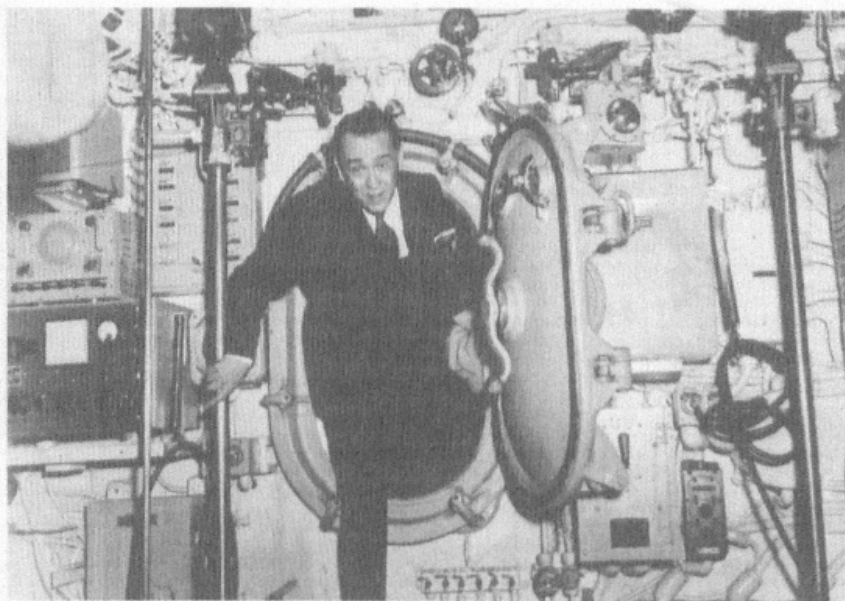
A implantação da indústria automobilística no país era considerada básica no Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek e o sistema de transporte que começava a se delinear, marcadamente rodoviário, aumentou a demanda por automóveis de passeio. A Veículos e Máquinas Agrícolas S.A. (VEMAG), empresa com participação de capital nacional e estabelecida em São Paulo, produziu sob licença e com apoio do BNDE veículos da fábrica alemã DKW. O primeiro automóvel de passeio fabricado no Brasil tinha 50% de peças nacionais. Lançamento do DKW no Hotel Copacabana Palace. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1958. Correio da Manhã



Em julho de 1957, a empresa norte-americana Ford se instalou no Brasil e já em agosto foi produzido o caminhão F-600 V8 na linha de montagem da fábrica do Ipiranga. JK inaugura as instalações da nova fábrica de motores V8 da Ford do Brasil. São Paulo, 21 de novembro de 1958. Agência Nacional



Desde 1954, a norte-americana Willys começou a montar o "Jeep" no Brasil, com tração nas quatro rodas. Seguiu-se a Rural e carros de passeio, mais urbanos como o Aero-Willys, de 1960, confortável e com lugar para seis pessoas. O presidente visita a exposição das metas presidenciais no Navio Mauá. Bahia, 10 de julho de 1960. Agência Nacional



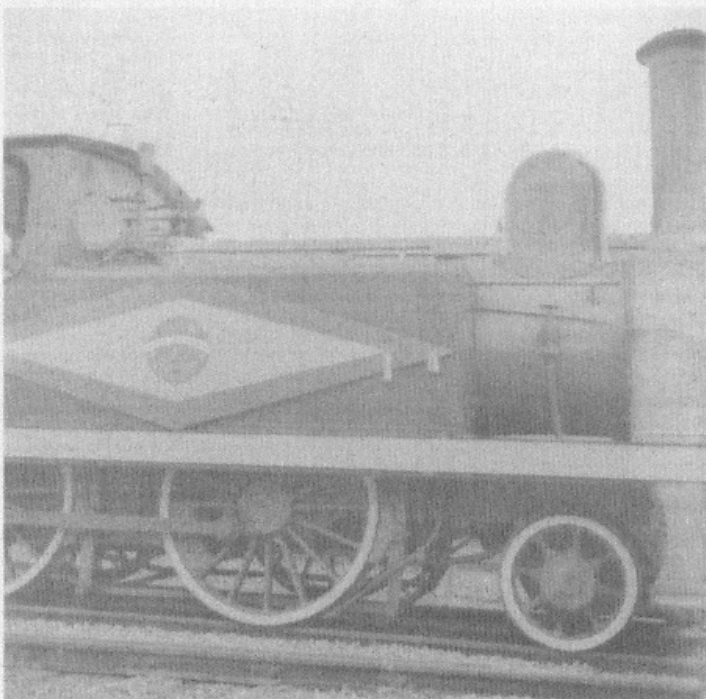
O presidente da República visita o submarino Humaitá. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1957. Correio da Manhã



O vice-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, que viera ao Brasil assistir à posse de JK, concedeu 35 milhões de dólares de empréstimo em nome de seu governo para a expansão da Companhia Siderúrgica Nacional. Visita a Volta Redonda. Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1956. Agência Nacional



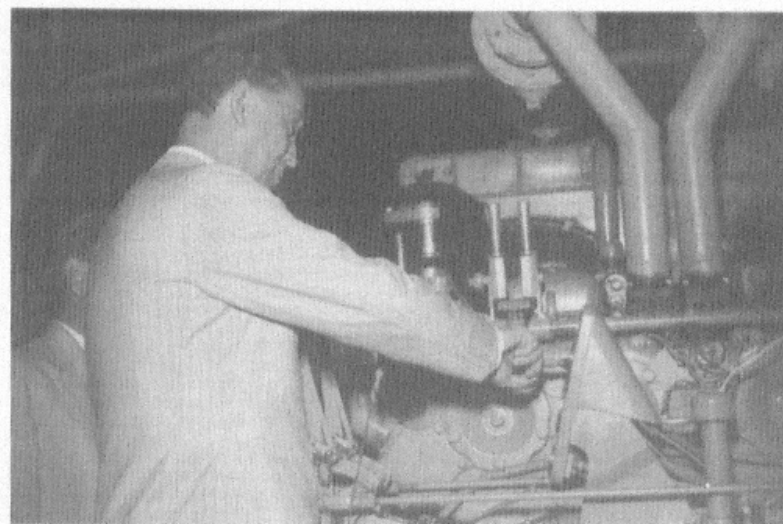
A Caravana da Integração Nacional promovida por Juscelino Kubitschek movimentou automóveis de fabricação brasileira, vindos de diferentes partes do país, com o propósito de apresentar a nova malha rodoviária de acesso à capital. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1960. Correio da Manhã



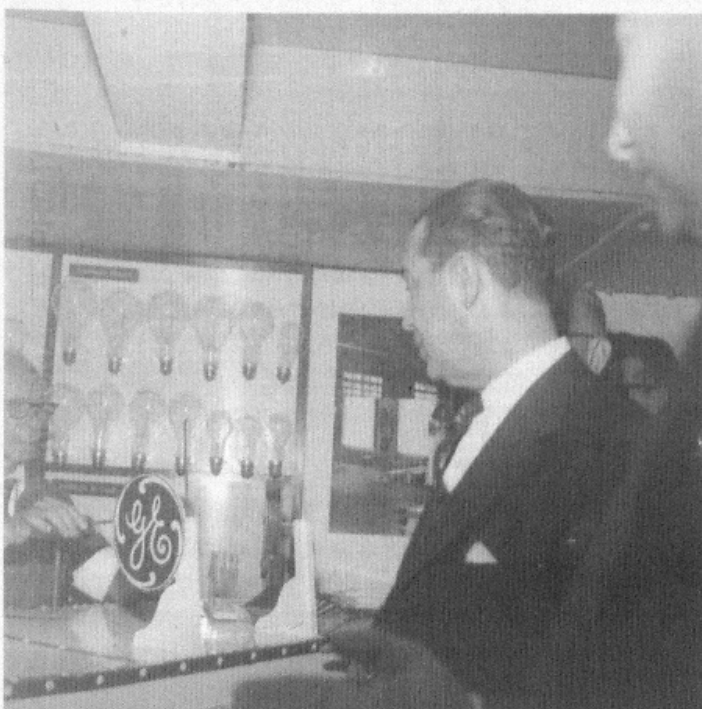
Fábrica Nacional de Vagões (FNV). São Paulo, 25 de janeiro de 1958. Agência Nacional



O presidente da República e o governador de São Paulo, Jânio Quadros, em visita às instalações da Petrobras. Rio Claro, São Paulo, s.d. Correio da Manhã



O presidente Juscelino Kubitschek põe em movimento as máquinas de bombeamento do terminal marítimo construído pela Petrobras na Baía de Todos os Santos. Bahia, s.d. Correio da Manhã



A General Electric Company (GE) opera no Brasil desde 1919 e teve lugar garantido na exposição das metas presidenciais, montada no Navio Mauá. Bahia, 10 de julho de 1960. Agência Nacional.



Inaugurada oficialmente em 1950, com uma primeira exibição organizada em São Paulo por Assis Chateaubriand, a televisão rapidamente tornou-se símbolo de modernidade e *status*. De início os aparelhos eram pouco acessíveis, todos importados e de elevado custo. Com a instalação de empresas estrangeiras no Brasil no final daquela década, crescem as vendas, ao mesmo tempo em que novas emissoras são implantadas em diversas regiões do país. s.l., 10 de janeiro de 1957. Correio da Manhã

Brasília



Juscelino Kubitschek visita a nova capital. Brasília, 1957. Agência Nacional

Inaugurada em 21 de abril de 1960, Dia de Tiradentes, Brasília contou também com uma cruz portuguesa, sinos coloniais, índios e uma reivindicação histórica que estava presente na arquitetura modernista. Lucio Costa evocou José Bonifácio para falar da capital aérea e rodoviária, sonho do patriarca. E ainda mais, sem que pensasse em aviões, riscou uma cruz, gesto primeiro do colonizador.

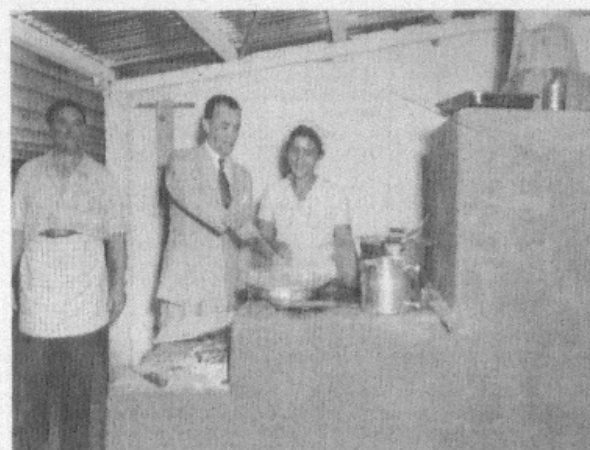
Entre tantas remissões, esse era também o mundo do pós-guerra e a cidade representava o futuro: foi construída em três anos com tijolos e outros materiais transportados de avião e com o uso inovador de toneladas de aço revestido de concreto em substituição aos tradicionais moldes de madeira, seguindo uma prática comum nos Estados Unidos. Feita a demarcação em 1954 pela Comissão de Localização da Nova Capital Federal, as obras começaram em 1956, ano da primeira visita de JK acompanhado de Oscar Niemeyer.

A estrutura que se erguia a partir do Plano Piloto de 1957 partia de dois eixos perpendiculares, que hierarquizavam as principais funções urbanas, distribuindo as de caráter cotidiano ao longo do Eixo Rodoviário, e legando os marcos atemporais e simbólicos ao Eixo Monumental. Destacavam-se os edifícios estatais, desapareciam as multidões das ruas, esqueletos de madeira se erguiam rapidamente formando o Congresso Nacional, os conjuntos residenciais, o Palácio do Planalto, a Catedral, em projetos inesquecíveis de Niemeyer, em mármore, concreto, vidro. Sofisticada, a decoração dos interiores mesclava arte brasileira moderna, mobiliário de *designers* como Sérgio Rodrigues e do próprio Niemeyer e estatuária barroca que as lentes de fotógrafos anônimos ou famosos souberam enquadrar, incorporando na transparência de vidros e cortinas as colunas do Alvorada.

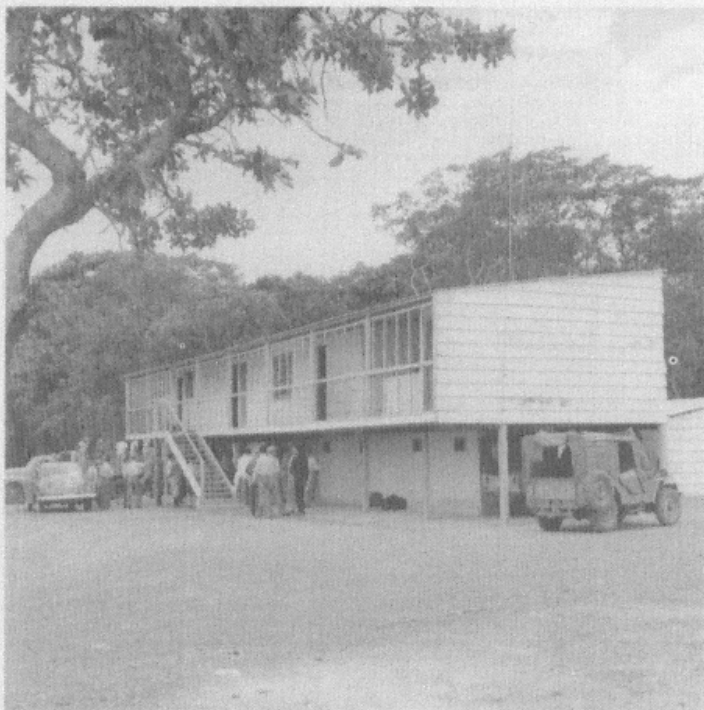
E embora para muitos teóricos houvesse mesmo uma contradição em se tombar Brasília, um signo da arquitetura moderna e nascida com o germe das mudanças, em 1987 seu conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico passou a integrar a Lista do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Unesco.



A "mensagem de Anápolis", encaminhada pelo presidente ao Congresso Nacional, propôs a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e o nome da cidade: Brasília. Seu primeiro presidente foi o empresário mineiro Israel Pinheiro da Silva, também nomeado o primeiro prefeito da capital. Brasília, 11 de novembro de 1956. Agência Nacional



O presidente Juscelino visita a nova capital. Brasília, 11 de novembro de 1956. Agência Nacional



O Catetinho, projetado e construído em dez dias por Oscar Niemeyer, situava-se a quilômetros do Plano Piloto. Deveria servir às constantes visitas que JK faria às obras da futura capital. Utilizando-se de materiais pouco "nobres" e recursos populares, o edifício tem linhas elegantes, incorporando pilotis e uma escada externa. Contrariamente à sua previsível demolição, foi preservado como patrimônio histórico nacional. Brasília, 11 de novembro de 1956. Agência Nacional



No Palácio do Catete, o presidente Juscelino assina o decreto de transferência da capital federal. Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1957. Agência Nacional



Em uma visita às obras, Juscelino distribui a trabalhadores fotografias autografadas. Brasília, 1957. Agência Nacional



No Palácio do Catete, o presidente Juscelino examina com Israel Pinheiro, Lucio Costa e Oscar Niemeyer a maquete dos Três Poderes. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1957. Agência Nacional

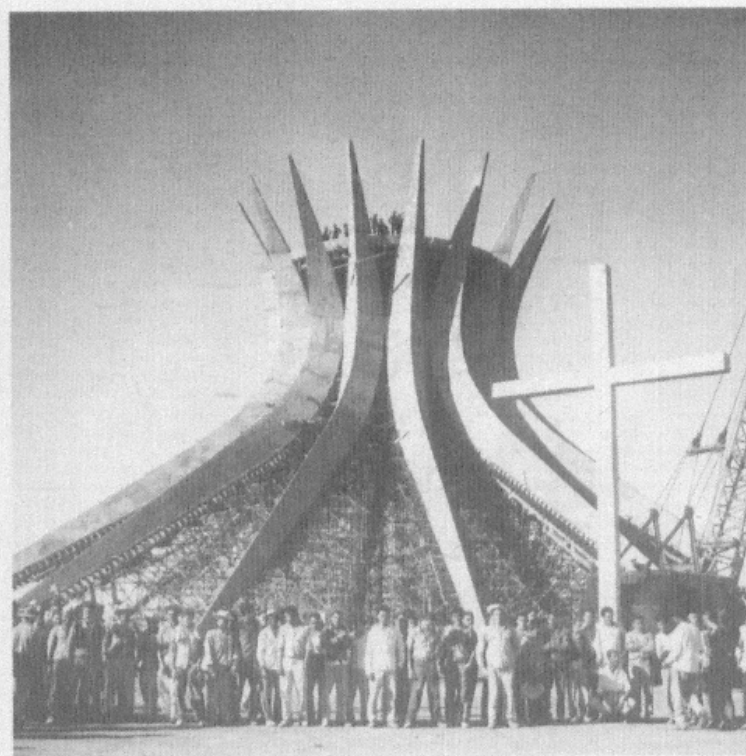
Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz, assim o último concorrente a apresentar projeto à comissão julgadora do Plano Piloto da nova capital situava as origens de sua ideia. Palavras que inauguravam uma cidade, embora ainda não o soubesse seu autor, o urbanista Lucio Costa. Recorria à cruz, símbolo da tradição tão valorizada nos seus anos de formação na Escola Nacional de Belas Artes, e no início de sua atuação como arquiteto, sob a égide do ecletismo arquitetônico e do neocolonial. A visita à cidade mineira de Diamantina, em 1924, e o contato com a autêntica arquitetura colonial seriam decisivos para formular a crítica aos modelos arquitetônicos vigentes e se aproximar da obra dos modernistas Gropius, Le Corbusier e Mier Van der Rohe. Nascia um dos expoentes da arquitetura moderna brasileira. Em 1936, toma parte no projeto de construção do Palácio Gustavo Capanemá, sede do Ministério da Educação e Saúde. A construção suspensa sobre pilotis, permitindo o trânsito sob o edifício, o sistema de *brise-soleil*, quebrando a incidência direta de sol, a opção pela planta e a fachada livres e o terraço-jardim, características associadas à obra de Le Corbusier, consultor do projeto, fariam do edifício ícone da arquitetura moderna. Entre o grupo de arquitetos que colocaria o Brasil na vanguarda da arquitetura mundial um nome despontava, Oscar Niemeyer. Oscar e Lucio voltariam a trabalhar juntos três anos mais tarde, a convite do último, na construção do Pavilhão Brasil da Feira Mundial de Nova Iorque. Na década de 1940, Niemeyer recebe uma encomenda do então prefeito de Belo Horizonte Juscelino Kubitschek, a construção do conjunto arquitetônico da Pampulha, onde inova ao dar formas sinuosas ao concreto armado. Seus projetos de traços mínimos em que a arquitetura se confundia com a estrutura ganham o mundo. As trajetórias dos dois arquitetos se cruzariam definitivamente na Praça dos Três Poderes, enquanto Lucio Costa planejava a cidade, *um risco que pulsava*, como bem definiu Carlos Drummond de Andrade, Niemeyer se encarregaria de projetar os edifícios num jogo de curvas e retas. Fizeram de Brasília uma cidade moderna, e única.



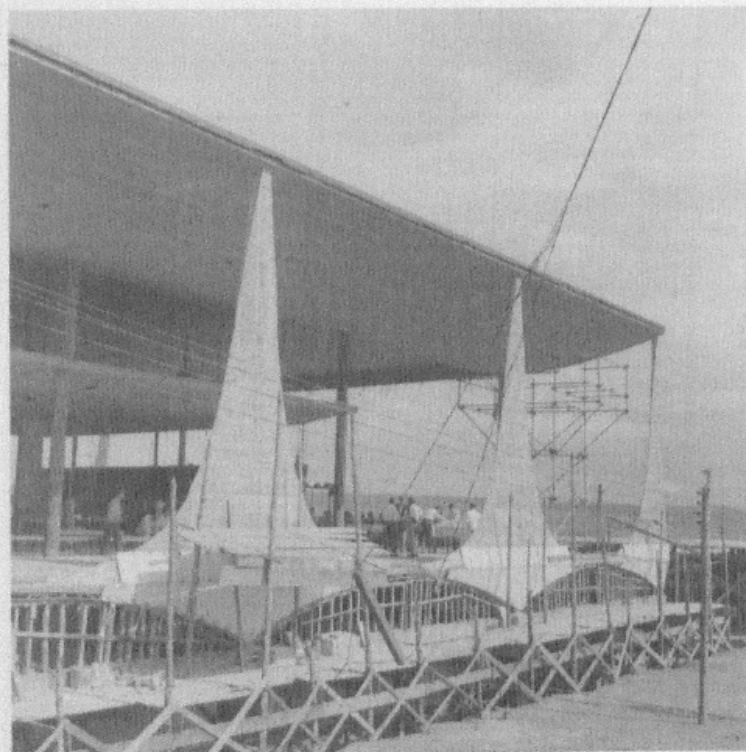
Logo após ter seu plano selecionado para construção da nova capital, Lucio Costa e Juscelino posam no terreno reservado ao Eixo Monumental. Brasília, 3 de maio de 1957. Agência Nacional



Canteiro de obras em Brasília. 7 de julho de 1957. Agência Nacional



Em concreto e vitrais, a Catedral de Brasília, de Oscar Niemeyer, com sua forma circular e colunas curvas, sugere a súplica e evoca a prece. Brasília, [1959-1960]. Correio da Manhã



Obras do Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente da República, iniciadas em 3 de abril de 1957. Projetado por Oscar Niemeyer, o edifício, com suas colunas revestidas de mármore, foi inaugurado em 30 de junho de 1958. Brasília, 17 de dezembro de 1957. Agência Nacional



Juscelino Kubitschek, Jango e um representante de comunidades indígenas locais na cerimônia da primeira missa. Brasília, 3 de maio de 1957. Agência Nacional



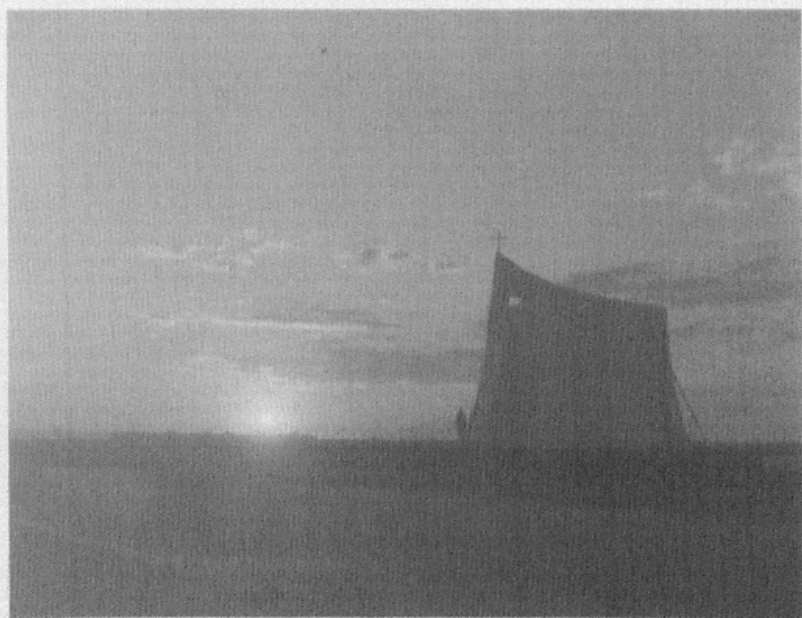
Serestas na futura capital durante visita de JK às obras. Brasília, 17 de dezembro de 1957. Agência Nacional



Final da Copa da Suécia, quando o país foi pela primeira vez campeão do mundo, às vésperas da inauguração do Palácio da Alvorada. Brasília, 29 de junho de 1958. Agência Nacional



Visita dos alunos da Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. Brasília, 19 de dezembro de 1958. Agência Nacional



Capela de Nossa Senhora de Fátima. Brasília, 29 de junho de 1958. Agência Nacional



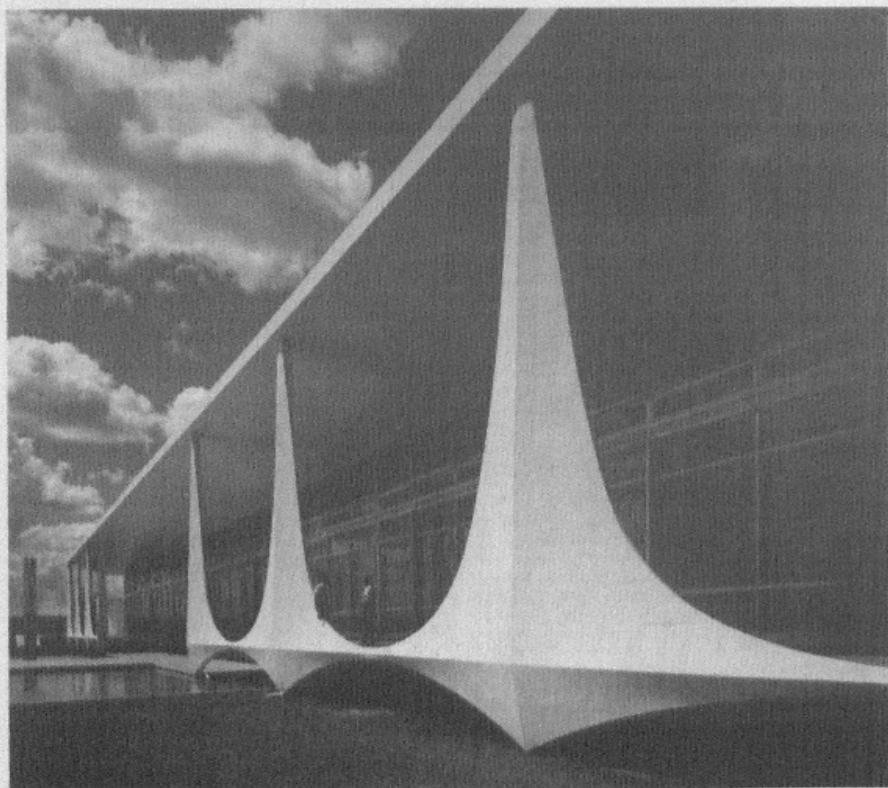
Plenário do Senado Federal.
Brasília, 18 de novembro de
1958. Correio da Manhã



Capela de Nossa Senhora de Fátima, projeto de Niemeyer com
azulejos de Athos Bulcão e decoração interna de Alfredo Volpi. A
inauguração se deu no mesmo dia do casamento da filha de Israel
Pinheiro, com a presença do presidente. Brasília, 28 de junho de
1958. Agência Nacional



O presidente Juscelino inaugura o Palácio da
Alvorada. Brasília, 30 de junho de 1958. Agência
Nacional



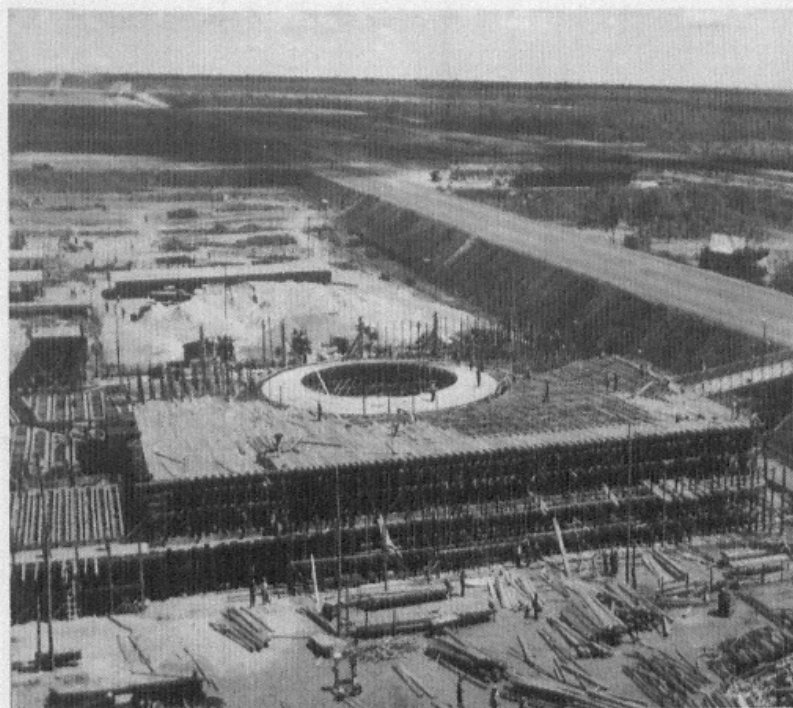
Palácio da Alvorada. Brasília, 30 de novembro de 1958. Correio da Manhã



O presidente Juscelino nas comemorações do 1º de maio. Brasília, 1959. Agência Nacional



Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma sequência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra uma espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem. Lucio Costa, Memória descritiva do Plano Piloto de Brasília, 1957. Obras das superquadras. Brasília, s.d. Correio da Manhã



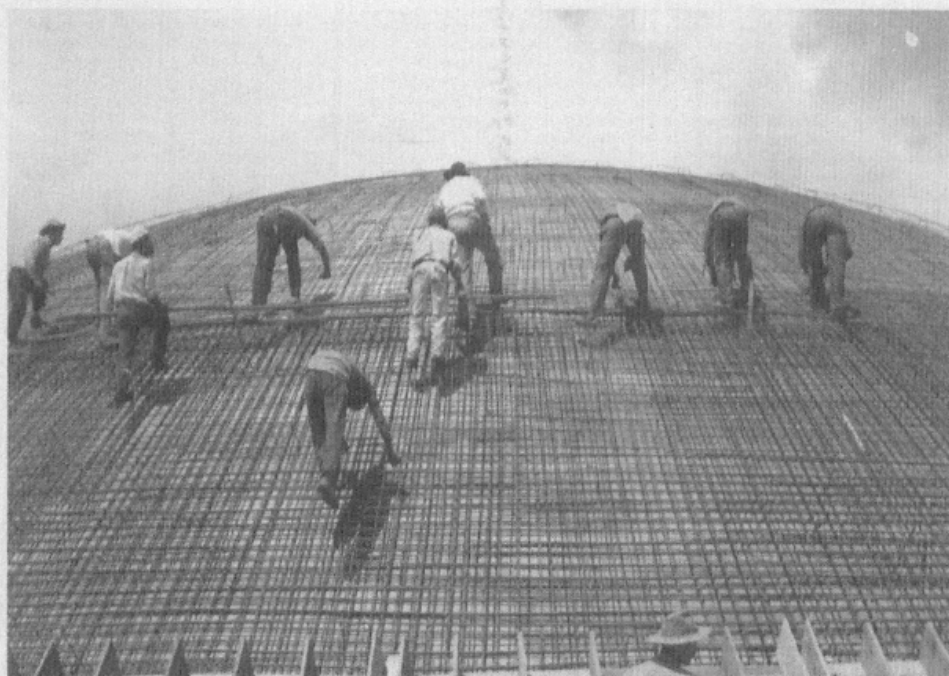
Obras do Palácio do Congresso Nacional. Brasília, s.d. Correio da Manhã



Desde os anos 1930, conjuntos residenciais foram construídos pelos institutos de aposentadorias e pensões, muitos com projetos assinados por importantes arquitetos modernistas, como o conjunto do Pedregulho no Rio de Janeiro. Fenômeno continuado nos anos 1950, período do pós-guerra, essas construções foram alvo de críticas ao seu efeito de massificação. O presidente Juscelino inaugura o primeiro bloco residencial do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC). Brasília, 20 de junho de 1959. Agência Nacional



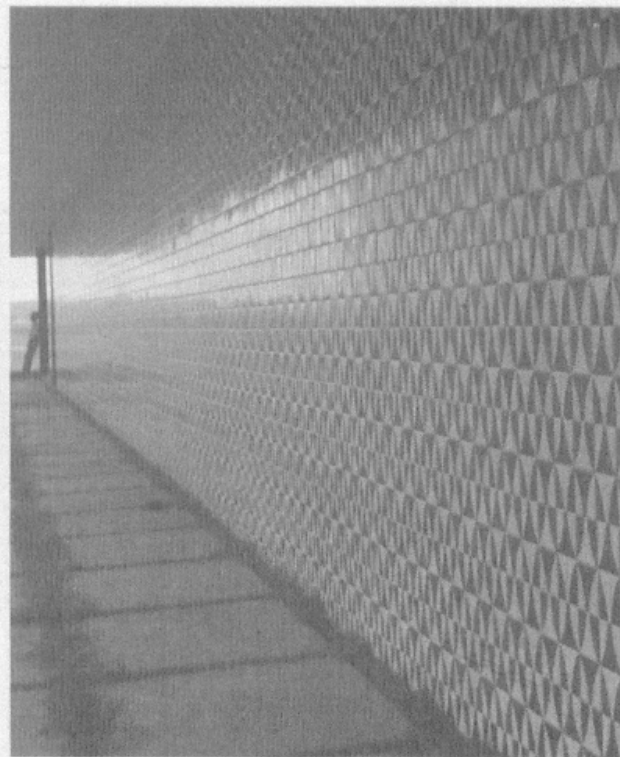
JK inaugura o conjunto residencial da Caixa Econômica. Brasília, 20 de fevereiro de 1959. Agência Nacional



O fotógrafo francês Marcel Gautherot fixou residência no país e aqui produziu uma obra significativa sobre o patrimônio cultural brasileiro. Seus estudos de arquitetura e a experiência profissional no *Musée de l'homme*, em Paris, serviram de referência para o trabalho atento às formas e focado na vida cotidiana e nas paisagens. Nos anos 1940 colabora com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e conhece intelectuais modernistas, entre eles Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Convidado a documentar a construção de Brasília, é contratado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e acompanha os trabalhos desde o início das obras até a inauguração da cidade. Senado Federal. Brasília, 13 de março de 1959. Foto de Marcel Gautherot. Correio da Manhã



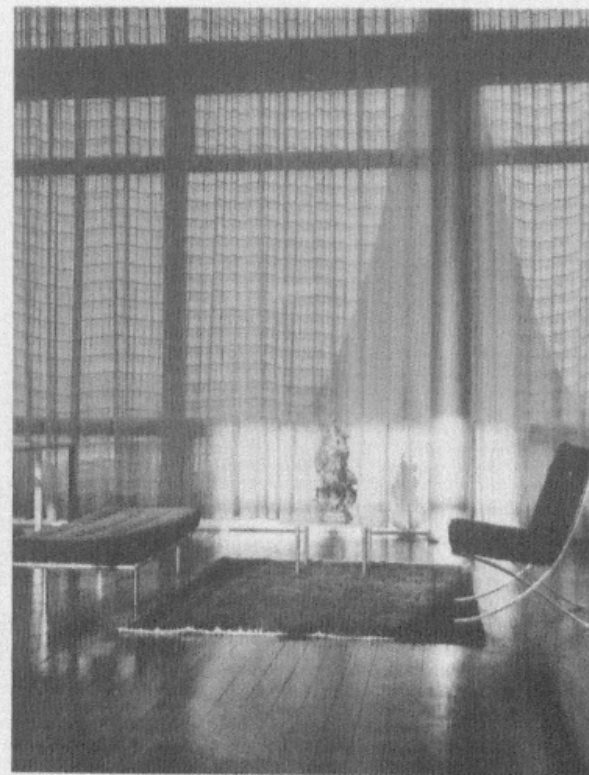
A trajetória profissional de Athos Bulcão foi marcada por projetos de arte pública, além dos diversificados trabalhos em pintura, desenho, aquarela, ilustração de livros, revistas e capas de disco. Em 1958, depois de trabalhar com Cândido Portinari e viver em Paris, transfere-se para Brasília e passa a integrar a equipe da Novacap. Cria para a cidade aproximadamente 130 painéis distribuídos por edifícios públicos e residências particulares, caracterizados por uma integração poética à arquitetura. Mural de Athos Bulcão no Brasília Palace Hotel. Brasília, 7 de junho de 1959. Foto de Marcel Gautherot. Correio da Manhã



Painel de azulejos de Athos Bulcão no Brasília Palace Hotel. Brasília, 7 de junho de 1959. Foto de Marcel Gautherot. Correio da Manhã



Decoração interna do Palácio da Alvorada. Brasília, s.d. Correio da Manhã





Os migrantes, oriundos de várias partes do país, em busca dos empregos gerados pela construção de Brasília, foram inicialmente abrigados em acampamentos das próprias construtoras. No entorno do plano urbanístico foi implantado um loteamento com finalidades comerciais, isento do pagamento de impostos, denominado Cidade Livre, onde se estabeleceram armazéns, restaurantes, açougues, escolas e hotéis construídos em madeira e chapas de metal e com sérias deficiências no abastecimento de energia elétrica e água. Com o aumento do número de migrantes, a Cidade Livre, território dos candangos, passou a ser ocupada também por residências improvisadas, chegando a possuir 12 mil habitantes. Ameaçada diversas vezes de demolição, tornou-se cidade satélite em 20 de dezembro de 1961 e corresponde atualmente à área ocupada pelo Núcleo Bandeirante, pela Candangolândia (Velhacap) e pelo Museu Vivo da Memória Candanga. Cidade Livre. Brasília, s.d. Correio da Manhã

Juscelino Kubitschek na Cidade Livre. Brasília, 5 de junho de 1960. Agência Nacional



Homenagem ao presidente Juscelino na Cidade Livre. 13 de setembro de 1960. Agência Nacional



Maquete do Palácio da Alvorada. 31 de dezembro de 1959. Agência Nacional



As placas sinalizam para as instituições identificadas com os servidores públicos e seus conjuntos habitacionais na capital recém-inaugurada. Brasília, 23 de abril de 1960. Agência Nacional



O presidente Juscelino se despede dos funcionários do Palácio do Catete. Rio de Janeiro, 7 de março de 1960. Agência Nacional



Chegada de funcionários do Palácio do Catete a Brasília. 15 de abril de 1960. Correio da Manhã



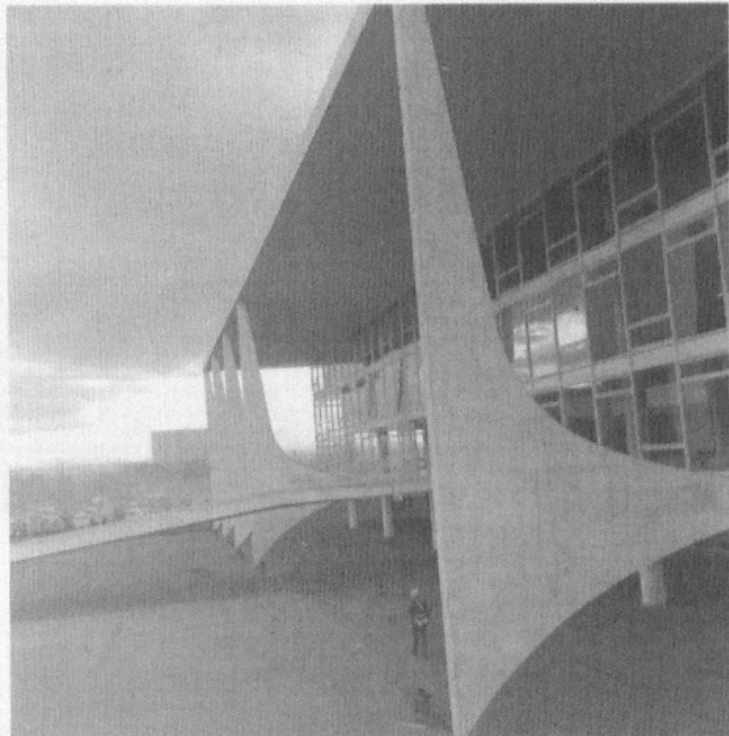
Embarque de turistas. Rio de Janeiro, 5 de março de 1960. Agência Nacional



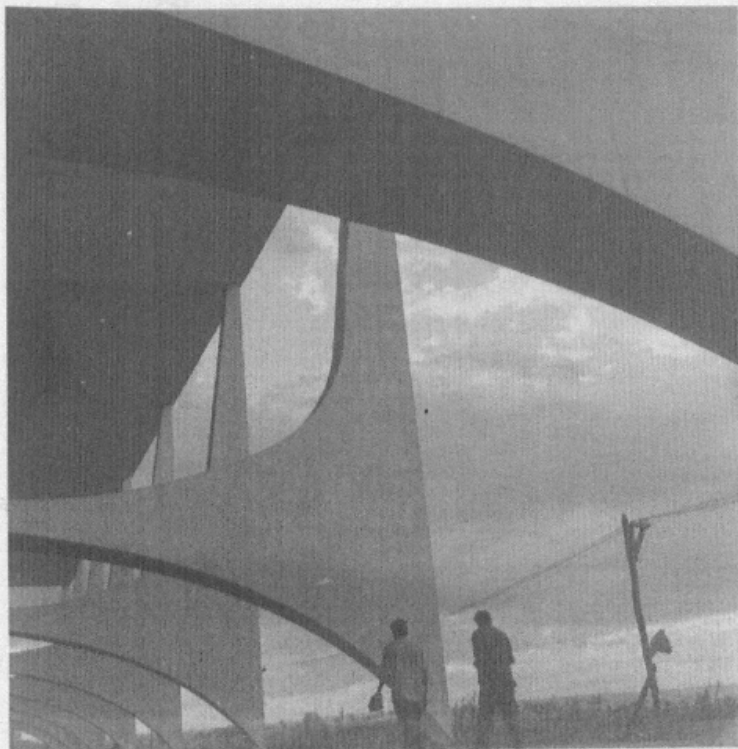
Na presença da filha e do vice-presidente João Goulart, Juscelino recebe de Israel Pinheiro as chaves da cidade, iniciando os festejos da inauguração de Brasília. 20 de abril de 1960. Agência Nacional



Juscelino Kubitschek sobe a rampa do Planalto onde se perfila o regimento dos Dragões da Independência. Brasília, 21 de abril de 1960. Agência Nacional



Palácio do Planalto, desde a inauguração da cidade, sede do Poder Executivo federal. Vista da fachada formada por colunas que impressionam pela leveza de suas linhas, em mais um projeto assinado por Oscar Niemeyer. Brasília, 20 de abril de 1960. Agência Nacional



O Palácio do Planalto na inauguração. Brasília, 20 de abril de 1960. Agência Nacional.



Solenidade de hasteamento da Bandeira Nacional. Brasília, 22 de abril de 1960. Correio da Manhã



Em 21 de abril de 1960, Brasília tornou-se a capital federal. Na agenda, a primeira reunião ministerial e a assinatura de mensagem presidencial ao Congresso para que se criasse a Universidade de Brasília. Juscelino Kubitschek e João Goulart comparecem à cerimônia de instalação do Congresso Nacional e ainda do Palácio da Justiça na Praça dos Três Poderes. Brasília, 21 de abril de 1960. Agência Nacional

O presidente Juscelino Kubitschek recebe congratulações de autoridades estrangeiras. Brasília, s.d. Correio da Manhã





Encarregada da cobertura oficial, a Agência Nacional realizou séries de reportagens sobre a construção da capital e distribuiu aos órgãos de imprensa nacionais e internacionais, visando também conter a campanha movida pela oposição contra a obra. Nos dias que se seguiram à festa de inauguração, fotos, como essa do Palácio da Alvorada enfatizaram o caráter monumental das edificações públicas e a amplitude do espaço urbano. Brasília, 23 de abril de 1960. Agência Nacional



A Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central revelaram os distantes sertões onde foi erguida a nova capital, povoados por carajá, xavante, javaé, nações autônomas com as quais se estabeleceram relações de respeito, inspiradas na tradição rondoniana. O presidente Juscelino recebe a visita de um índio. Brasília, 16 de maio de 1960. Agência Nacional



Supremo Tribunal Federal. Brasília, 11 de junho de 1960. Correio da Manhã



O lago Paranoá, localizado em torno de Brasília e resultante da construção de uma barragem no rio de mesmo nome, tornou-se uma das opções para a prática de esportes e lazer na cidade. Vista parcial do lago Paranoá com veleiros que participaram de prova ali realizada. Brasília, 15 de setembro de 1960. Correio da Manhã



A legenda do *Correio da Manhã* provocava: "a Senhora Sarah Kubitschek e suas filhas Márcia (foto) e Maristela continuam badalando pelo Velho Mundo. Elas parecem ser as intérpretes ideais para aquele gostoso samba de Billy Blanco: não vou para Brasília, nem eu nem minha família..." s.l., 21 de agosto de 1960. *Correio da Manhã*

Primeira excursão a Brasília da série "Conheça a nova capital num só dia". s.l., 7 de julho de 1960. *Correio da Manhã*



Aeroporto Internacional de Brasília. Brasília, abril de 1960. *Correio da Manhã*

Vitrines

Em *Capitais da Bossa Nova: Rio e Brasília nos anos JK* foram utilizadas quatro vitrines climatizadas para exibição de documentos originais, que passaram por processos de higienização e reparo realizados pela equipe do laboratório de conservação e restauração do Arquivo Nacional.

As vitrines dividem-se em quatro temas que pretendem registrar os antecedentes históricos da criação da capital no planalto central, bem como o processo de construção de Brasília.

Vitrine A Constituição e a nova capital

A Constituição de 1891 previa que a capital da nova República deveria se mudar para o interior do país, tão logo houvesse condições. Para tanto, demarca e reserva à União um terreno de 14.400 quilômetros quadrados no Planalto Central do Brasil para a futura transferência, e estabelece que o então Distrito Federal – o Rio de Janeiro – se tornaria um estado da federação.

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. [Rio de Janeiro], 24 de fevereiro de 1891.

Vitrine As Comissões Exploradoras do Século XIX

"Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade parque. Sonho arquissecular do patriarca." Assim o arquiteto Lucio Costa conclui seu projeto para o Plano Piloto. Desde o período colonial a ideia de mudar a capital para o interior é recorrente. Proclamada a Independência, José Bonifácio, em 1823, apresentou o projeto de transferi-la para o centro do novo Império, e dar-lhe o nome de Petrópolis ou Brasília. A ideia foi acalentada pelo historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen, que escreveu em 1876 uma memória sobre a questão da mudança da capital do litoral para o interior, apontando as vantagens do empreendimento. Em 1891, já República, a Constituição previu a mudança da cidade para o Planalto Central, e a comissão chefiada por Luiz Cruls foi encarregada de percorrer o território, explorá-lo e mapeá-lo a fim de preparar o terreno para a construção de uma nova cidade. Quando o presidente Juscelino Kubitschek decide realizar o antigo sonho do Patriarca da Independência, empreende uma redescoberta do Brasil, buscando transpor, enfim, a distância entre o sertão e o mar, marcas de nossa história.

O astrônomo e engenheiro belga Luiz Cruls chefiou, a partir de 1892, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. A comissão foi encarregada de determinar o lugar exato e as condições climáticas, geológicas, hidrográficas, entre outras, para o estabelecimento da nova capital da República no interior.

Luiz Cruls. *Planalto Central do Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. (Coleção documentos brasileiros, dirigida por Otávio Tarquínio de Sousa, v. 91).

A equipe que permaneceu por meses no Planalto Central do Brasil era composta de astrônomos, médicos, botânicos, geólogos e ajudantes que tinham como missão mapear o território demarcado e avaliar a possibilidade da construção de uma cidade.

Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Luiz Cruls. *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

(Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5: Brasiliana, v. 258).

Itinerários e perfis longitudinais. De Formosa ao Vértice. Um dos mapas executados pela comissão.

Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. *Relatório apresentado a S. Ex. o Sr. Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas*. Rio de Janeiro: H. Lombaerts & C., Impressores do Observatório, 1894, planta n. 26.

Comissão de Estudos da Nova Capital da União. *Relatório parcial apresentado ao Exmº Sr. Dr. Antônio Olyntho dos Santos Pires*. Rio de Janeiro: Typ. Lith. Carlos Schmidt, sucessor de H. Lombaerts, 1896.

Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro. *A questão da capital: marítima ou no interior*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas do Archivo Nacional, 1936. (Publicações Históricas do Arquivo Nacional, n. 33).

Vitrine Cartografia do Brasil Central

Mapa de Planaltina, um dos municípios que compunham o quadrilátero Cruls. s.l., s.d.

Croqui da região situada ao redor do marco fundamental colocado em 1922 para delimitar a área da nova capital. s.l., s.d.

Carta do estado de Goiás realizada pelo engenheiro agrimensor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. s.l.: Lit. Malafaia Júnior, 1902. Arquivo Francisco Bhering

Vitrine Fundação de Brasília

O diplomata e acadêmico Osvaldo Orico escreveu esta obra em forma de um grande álbum, no qual documenta em textos e fotos a história da construção da nova capital e seus antecedentes.

Osvaldo Orico. *Brasil, capital Brasília*. 1. e 2. ed. [Rio de Janeiro]: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958 e 1960.

Fábio de Macedo Soares Guimarães. *O Planalto Central e o problema da mudança da capital do Brasil e trabalhos de campo e de gabinete da segunda expedição geográfica ao Planalto Central*. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

A coleção *Brasília*, composta de nove volumes organizados pelo Serviço de Documentação da nova capital em torno de três eixos temáticos, resultou de um esforço para registrar o processo de construção da nova capital federal – da concepção da mudança à escolha do projeto do Plano Piloto, dos discursos do presidente aos dos visitantes estrangeiros. Compõem a coleção, entre outros títulos: *Brasília: antecedentes históricos*; *Brasília e a opinião mundial*; e *Brasília, história de uma ideia*.

Projeto do arquiteto Lucio Costa para o Plano Piloto da nova capital

Brasil. Presidência da República. *Diário de Brasília*. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1960, v. 1.

Brasil. Presidência da República. *Diário de Brasília*. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1960, v. 2.

Discurso do escritor e ministro francês André Malraux proferido por ocasião de sua visita a Brasília.

Brasil. Presidência da República. *Diário de Brasília*. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1960, v. 3.

Vídeos

Integram a exposição dois vídeos produzidos pela equipe do Arquivo Nacional com acervo de imagens em movimento e iconográfico da instituição. Um deles retrata o Rio de Janeiro, então capital da República, entre os anos de 1956 a 1960 pelas lentes da Agência Nacional, TV Tupi e César Nunes. Os filmetes acompanham o governo do presidente Juscelino Kubitschek desde a posse em 1956 até o fim de seu mandato, quando a capital federal é transferida para Brasília. Trechos de alguns dos principais acontecimentos políticos e econômicos do governo, como a apresentação do Plano de Metas, são entremeados com aspectos da vida social e cultural da cidade, entre eles os carnavais – do baile do Teatro Municipal, com a presença do vice-presidente João Goulart, ao desfile dos blocos de rua pela avenida Rio Branco. A bossa nova entra em cena com imagens da *Noite do amor, do sorriso e da flor*, festival promovido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro que inaugurava o gênero musical. O segundo vídeo, dedicado à construção de Brasília, compreende igualmente os anos do governo JK. Imagens dos candangos que ergueram a cidade contrastam com a moderna arquitetura de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Assistimos à meteórica transformação do planalto deserto em capital federal, à inauguração dos serviços básicos de estrutura da cidade que nascia e à construção dos edifícios públicos através dos filmetes institucionais da Agência Nacional. Além dos sons originais de algumas reportagens, a trilha sonora dos vídeos contou com acervo da Rádio MEC e Rádio Nacional, e ainda com discursos da Agência Nacional e propagandas da Rádio Mayrink Veiga depositados no Arquivo Nacional.

DURAÇÃO

Vídeo Rio de Janeiro: 41 min.

Vídeo Brasília: 31 min.

CONCEPÇÃO E PESQUISA DE ÁUDIO

Ana Moreira

Mariana Lambert

EDIÇÃO

Ana Moreira

PESQUISA DE IMAGENS EM MOVIMENTO

Mariana Lambert

Viviane Gouvêa

TRANSCRIÇÃO DE IMAGENS EM MOVIMENTO

Eduardo Lima

TRANSCRIÇÃO E TRATAMENTO DE ÁUDIO

Pablo Ferraz

RÁDIO MEC

Cristiano Menezes

Laureana Telles

Luiz Antônio Cruz Albuquerque

Munik Miranda

Oscar Santiago

RÁDIO NACIONAL

Alberto Luiz da Silva Santos

Sérgio Natureza

Notações

- P. 4
Praia de Copacabana... PH/FOT 02957 (66)
- P.5
Praia de Botafogo... PH/FOT 00091 (78)
"Guarda da Guanabara"... PH/FOT 02957 (76)
- P.6
Cacilda Becker. PH/FOT 11214 (120)
Passeio no calçadão de Copacabana... PH/FOT 00180 (210)
Vista da praia do Leme... PH/FOT 00180 (98)
Copacabana...PH/FOT 00180 (232)
- P.7
A atriz Norma Benguel recolhe água da praia de Copacabana...
PH/FOT 11418 (12)
Avenida Atlântica, em Copacabana...PH/FOT 04134 (61)
Baile de gala no Palácio do Itamaraty...PH/FOT 23282 (180)
- P.8
"À chegada do carro que conduzia o presidente da República (...)"...PH/FOT 23282 (36)
"As mais belas jovens brasileiras visitam o presidente"...PH/FOT 00160 (64)
- P.9
Adalgisa Colombo no Palácio do Catete com Sara Kubitschek...EH/COC P07168 (8)
A seleção campeã do mundo de 1958...EH/COC P06267 (9)
A cantora Ângela Maria ...EH/COC P05722 (2)
A "Eterna Rainha do Rádio" Emilinha Borba... PH/FOT 12315 (3)
- P.10
A cantora Marlene...PH/FOT 32200 (3)
- P. 11
A estrela do rádio Linda Batista se apresenta para grande público...PH/FOT 11088 (22)
Lamartine Babo...PH/FOT 10012 (12)
Cena do espetáculo "Mister Samba"...PH/FOT 37753 (51)
- P.12
Louis Armstrong e o cantor Ataulfo Alves...EH/COC P07126 (6)
O cantor americano Nat King Cole...EH/COC P07264 (3)
A atriz Marlene Dietrich com o presidente Juscelino nas Laranjeiras...EH/COC P07328 (4)
- P.13
A atriz americana Susan Hayward é recebida por JK...EH/COC P05762 (3)
Presidente Juscelino recebe representantes do cinema nacional...EH/COC P06182(1)
Marpessa Dawn e Breno Mello...EH/COC P07300(6)
- P. 14
O secretário de Estado norte-americano...EH/COC P07182 (2)
O presidente Juscelino Kubitschek recebe o ministro André Malraux...PH/FOT 31643 (18)
No mês de aniversário de seu primeiro ano de governo...EH/COC P05365 (2)
Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade... PH/FOT 11214 (10)
- P.15
Heitor Villa-Lobos em sua mesa de trabalho... PH/FOT 14946 (65)
A diretora-executiva do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro ... PH/FOT 01487 (36)
O presidente Juscelino Kubitschek sobe a rampa ... PH/FOT 01408 (7)
As obras de construção do Museu de Arte Moderna... PH/FOT01408 (3)
- P.16
O cantor Sílvio Caldas...EH/COC P05359 (9)
"Bebeto & Juca"...PH/FOT 16312 (35)
Cauby Peixoto cercado por suas fãs...PH/FOT 38399 (42)
- P.17
Elizeth Cardoso na visita do trompetista Louis Armstrong...PH/FOT 14514 (53)
Público feminino presente no Grande Prêmio Brasil... PH/FOT 00982 (50)
- P.18
Grande Prêmio Brasil...PH/FOT 00982 (55)
Lagoa Rodrigo de Freitas...PH/FOT 05080 (8)
O trem que leva os passageiros até o alto do Corcovado...PH/FOT 03002 (1)
Cristo Redentor...PH/FOT 03002 (4)
- P.19
Construção do Aterro do Flamengo...PH/FOT 00088 (4)
"Desde ontem o Rio de Janeiro conta com mais duas avenidas"...PH/FOT 00088 (26)
- P.20
Vista panorâmica do Aterro, na altura do bairro da Glória...PH/FOT 02991 (179)
Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro...PH/FOT 00003 (15)
Casa das Canoas... PH/FOT 00003 (17)
- P.21
Largo da Carioca...PH/FOT 05032 (11)
Bondes no Tabuleiro da Baiana... PH/FOT 05032 (1)
Baiana numa rua da cidade...PH/FOT 03760 (21)
- P.22
Convento de Santo Antônio ... PH/FOT 04132 (75)
Praça XV...PH/FOT 02957 (86)
Rua Gonçalves Dias...PH/FOT 05672 (60)
- P.23
Rua Visconde do Rio Branco...PH/FOT 05672 (80)
Cena de rua...PH/FOT05522 451
Rua do Mercado...PH/FOT 05672 (77)
Favela no centro da cidade...PH/FOT 03611 (78)
- P.24
Favela do morro de Santo Antônio...PH/FOT 03611 (145)
Morro do Borel, na Tijuca...PH/FOT 03611 (146)
Comemorações do Dia do Trabalho...EH/COC P06496 (1)
- P.25
Praça de Magno, em Madureira...PH/FOT 03744 (5)
Escola Edmundo Bittencourt...PH/FOT0 3761 (21)
Conclusão do asfaltamento...PH/FOT 05522 (198)
Rua Agostinho Menezes, no Andaraí...PH/FOT 05481 (40)
- P. 26
Ocupação das áreas entre o Rio Comprido e Laranjeiras... PH/FOT 05482 (65)
Com a avenida Rio Branco em festa... EH/COC P07051 (5)
Visita do presidente dos Estados Unidos "Ike"PH/FOT 20292 (261)
- P. 27
Avenida Presidente Vargas...EH/COC P07050 (4)
Presidente e vice-presidente se despedem do Rio de Janeiro...EH/COC P06464 (9)
Um aspecto da Cidade Maravilhosa...PH/FOT 02957 (85)
- P. 28
Carlos Lyra, um dos pioneiros da bossa nova...PH/FOT 29922 (5)
O poeta e diplomata Vinicius de Moraes ...PH/FOT 35014 (56)
A cantora Maysa em apresentação ... PH/FOT 33043 (19)
- P. 29
Dolores Duran...PH/FOT 20039 (1)
O Cantor das Multidões...PH/FOT 15186 (18)
Nelson Gonçalves...PH/FOT 24111 (5)
- P. 30
Pixinguinha e Almirante...PH/FOT 15134 (28)
Zé Ketí...PH/FOT 49238 (3)
A cantora Dalva de Oliveira...PH/FOT37182 (34)
- P. 31
Cartaz sobre o carnaval do Rio de Janeiro... – PH/FOT 140 (43)
Desfile da Escola de Samba Portela... – PH/FOT 149 (49)
- P. 32
Escola de samba Estação Primeira de Mangueira... – PH/FOT 139 (64)
Jamelão, intérprete do samba da Estação Primeira ... – PH/FOT 141 (66)
Calixto dos Anjos Filho... – PH/FOT 149 (7)
A Associação de Cronistas Carnavalescos... – PH/FOT 149 (27)
- P.33
Improvisadas ou sofisticadas... – PH/FOT 139 (146)
No carnaval de 1919, Júlio Silva... – PH/FOT 138 (2)
Tirolês e grega... – PH/FOT 149 (40)
O Baile de Gala do Teatro Municipal... – PH/FOT 141 (133)
- P. 34
Ornamentação da cidade... – PH/FOT 140 (61)
Em 1846, o sapateiro português... – PH/FOT 139 (28)

Flagrante do Baile dos Artistas... – PH/FOT 149 (87)
Os blocos, grupos formados por familiares... – PH/FOT 140 (137)
Baile do Municipal... – PH/FOT 141 (102)

P. 36
Em 1958, a seca, um antigo flagelo... – EH/NEG P05144 (19)
Zona das secas... – EH/NEG P05144 (23)
Recepção ao presidente Juscelino Kubitschek... – EH/NEG P05272 (20)
A construção da hidrelétrica de Pandeiros... – EH/NEG P05272 (7)

P. 37
Usina hidrelétrica de Pandeiros... – EH/NEG P05272 (35)
A construção da barragem de terra de Três Marias... – EH/NEG P05285 (11)
Inauguração da barragem de Três Marias... – EH/NEG P05305 (22)

P. 38
Foi em meio a disputas políticas... – EH/NEG P05287 (45)
JK vistoria obras em Furnas... – EH/NEG P05287 (15)
O presidente Juscelino acompanha as obras... – EH/NEG P05223 (28)

P. 39
Estrada de Rodagem Transbrasiliana... – PH/FOT 1289 (5)
A rodovia Belém-Brasília... – EH/NEG P05315 (48)
Frei Demétrio do Encantado... – PH/FOT 5686 (5)

P. 40
Inauguração do novo trecho da BR-3... – EH/NEG P05421 (4)
A rodovia BR-3, Rio-Belo Horizonte... – EH/NEG P05249 (35)
Nos primeiros dias de fevereiro de 1960... – EH/NEG P05123 (4) e (26)

P. 41
O presidente Juscelino visita as obras... – EH/NEG P05124 (5)
Em junho de 1956 foi criado... – EH/NEG P05789 (2)
Em 1956 começou a operar a fábrica... – EH/NEG P05466 (22)

P. 42
No desfile da Bandeira Automobilística Brasileira... – EH/NEG P06237 (2) e (6)
A implantação da indústria automobilística no país... – PH/FOT 23282 (164)

P. 43
Em julho de 1957, a empresa norte-americana Ford... – EH/NEG P05490 (27)
O presidente da República visita o submarino Humaitá... – PH/FOT 23282 (764)
Desde 1954, a norte-americana Willys... – EH/NEG P05141 (18)

P. 44
O vice-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon... – EH/NEG P05337 (14)
A Caravana da Integração Nacional... – PH/FOT 741 (2)
Fábrica Nacional de Vagões... – EH/NEG P05481 (34)

P. 45
O presidente da República e o governador de São Paulo... – PH/FOT 23282 (30)
O presidente Juscelino Kubitschek põe em movimento... – PH/FOT 23282 (219)
A General Electric Company... – EH/NEG P05141 (23)
Inaugurada oficialmente em 1950... – PH/FOT 23281 (38)

P. 46
Juscelino Kubitschek visita a nova capital... – EH/COC P07506 (6)

P. 47
A "mensagem de Anápolis", encaminhada pelo presidente... – EH/NEG P07504 (3)
O presidente Juscelino visita... – EH/NEG P07504 (13) e (11); EH/NEG P07505 (1)

P. 48
O Catetinho, projetado e construído em dez dias... – EH/NEG P07505 (17)
Em uma visita às obras, Juscelino distribui... – EH/NEG P07506 (11)
No Palácio do Catete, o presidente Juscelino assina... – EH/NEG P06146 (2)

P. 49
No Palácio do Catete, o presidente Juscelino examina... – EH/NEG P06214 (3) e (5)
Logo após ter seu plano selecionado para construção... – EH/NEG P07508 (40)

P. 50
Canteiro de obras em Brasília... – EH/NEG P07510 (4)
Em concreto e vitrais, a Catedral de Brasília... – PH/FOT 694 (51)
Obras do Palácio da Alvorada... – EH/NEG P07514 (9)
Juscelino Kubitschek, Jango e um representante... – EH/NEG P07508 (3)

P. 51
Serestas na futura capital... – EH/NEG P07514 (18)
Final da Copa da Suécia... – EH/NEG P07517 (2)
Visita dos alunos da Faculdade de Filosofia... – Ag Nac N 1685 (1)
Capela de Nossa Senhora de Fátima... – EH/NEG P07438 (6)

P. 52
Capela de Nossa Senhora de Fátima, projeto... – EH/NEG P07518 (24)
Plenário do Senado Federal... – PH/FOT 742 (1)
Palácio da Alvorada... – PH/FOT 743 (5)
O presidente Juscelino inaugura... – EH/NEG P07439 (8) e (13)

P. 53
A trajetória profissional de Athos Bulcão... – PH/FOT 13478 (1)
Painel de azulejos de Athos Bulcão... – PH/FOT 13478 (3)
Decoração interna do Palácio da Alvorada... – PH/FOT 743 (31) e (32)

P. 54
Desde os anos 1930, conjuntos residenciais... – EH/NEG P07536 (38)
JK inaugura o conjunto residencial... – EH/NEG P07527 (2)
O fotógrafo francês Marcel Gautherot... – PH/FOT 2937 (3)

P. 55
Os migrantes, oriundos de várias partes do país... – PH/FOT 694 (84)
Juscelino Kubitschek na Cidade Livre... – EH/NEG P07598 (12) e (17)
Homenagem ao presidente Juscelino na Cidade Livre... – EH/NEG P07617 (4)
Maquete do Palácio da Alvorada... – Ag Nac N 1701 (1)

P. 57
As placas sinalizam para as instituições... – Ag Nac N 1710 (2)
O presidente Juscelino se despede dos funcionários... – EH/NEG P06464 (72) e (17)

P. 58
Chegada de funcionários... – PH/FOT 747 (15)
Embarque de turistas... – Ag Nac N 1708 (12)
Na presença da filha e do vice-presidente... – EH/NEG P07546 (1)

P. 59
Juscelino Kubitschek sobe a rampa... – EH/NEG P07550 (14)
Palácio do Planalto, desde a inauguração da cidade... – EH/NEG P07546 (18)
O Palácio do Planalto na inauguração... – EH/NEG P07546 (18)
Solenidade de hasteamento da Bandeira Nacional... – PH/FOT 749 (10)

P. 60
Em 21 de abril de 1960, Brasília tornou-se... – EH/NEG P07552 (19)
O presidente Juscelino Kubitschek recebe congratulações... – PH/FOT 749 (12)

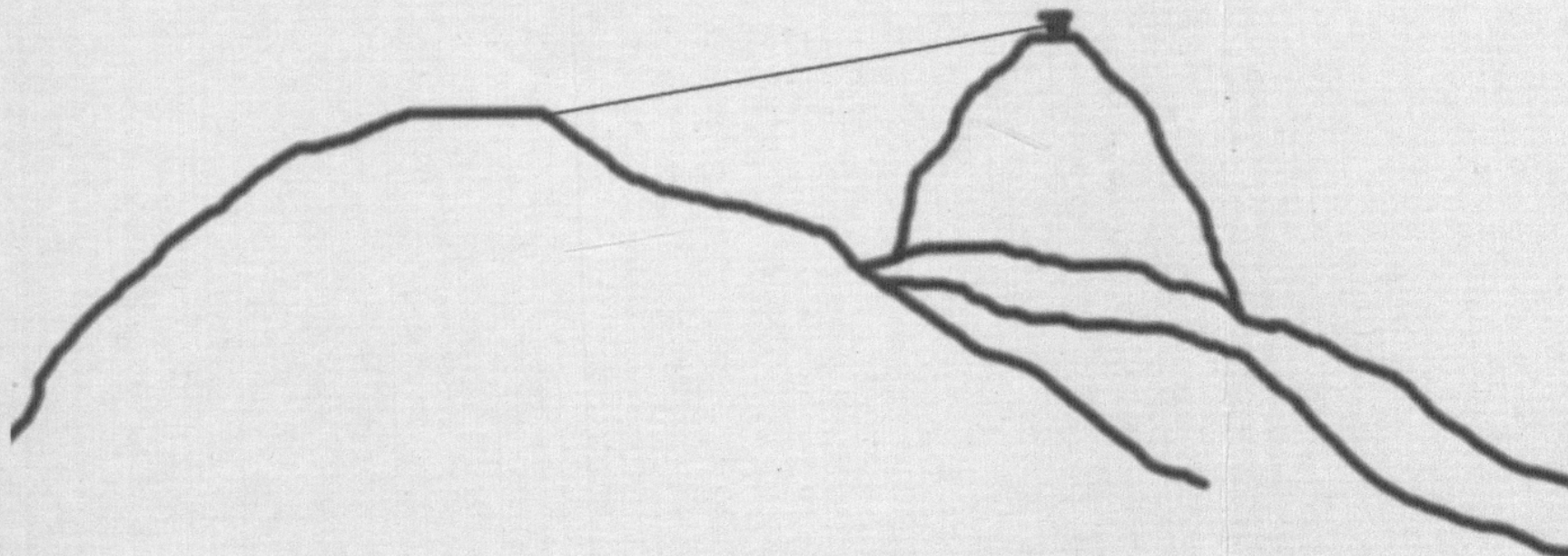
P. 61
Encarregada da cobertura oficial, a Agência Nacional... – Ag Nac N 1710 (1)
A Expedição Roncador-Xingu... – EH/NEG P07450 (1)
Supremo Tribunal Federal... – PH/FOT 694 (65)
O lago Paranoá... – PH/FOT 694 (82)

P. 62
A legenda do *Correio da Manhã* provocava... – PH/FOT 23281 (5)
Primeira excursão a Brasília... – PH/FOT 94 (70)
Aeroporto Internacional de Brasília... – PH/FOT 5962 (3)

Vitrines

Constituição de 1891.
Planalto Central do Brasil (...) ACG 06235
Relatório da Comissão Exploradora (...) ACG 06378
Relatório apresentado a S. Ex. o Sr. Ministro da Indústria (...) OR 02662
Relatório parcial apresentado ao Exm^o Sr. Dr. Antônio Olyntho (...) OR 02432
A questão da capital (...) PH 0033
Mapa de Planaltina (...) F2/MAP.33
Croqui da região situada ao redor do marco fundamental (...) F2/MAP.40
Carta do estado de Goiás (...) F4/MAP.24
Mapa dos itinerários levantados (...) F4/MAP.130
Brasil, capital Brasília (1958) ACG 06391
Brasil, capital Brasília (1960) ACG 06504
O Planalto Central e o problema da mudança da capital do Brasil (...) ACG 10675
Diário de Brasília ACG 08352 vol. 1
Diário de Brasília ACG 08352 vol. 2
Diário de Brasília ACG 08352 vol. 3

Esta obra foi impressa pela Imprensa Nacional
SIG, Quadra 6, Lote 800 CEP 70610-460. Brasília-DF, em maio de 2010.
Tiragem: 1.000 exemplares



apoio

Rádio
mec

realização

CASA CIVIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL



ISBN 978-85-60207-24-4



9 788560 207244